

A insurreição de 1935

# PRESTES:

## Novembro eclodiu inesperadamente

*(G) George  
Marta  
1986*

Estivemos com Lúis Carlos Prestes em São Paulo, por duas vezes - em julho e em outubro. Ele falou a LEIA sobre os livros que fizeram sua cabeça — Robinson Crusoé aos 10 anos (presente do pai) e, mais tarde, O Estado e a revolução, de Lênin, quando estava exilado na Argentina. Seu maior interesse, no entanto, sempre foi a engenharia e, nos anos que passou em Moscou, leu demais a respeito. Apesar dos seus 87 anos e de ter tido nas duas oportunidades uma agenda cheia, o veterano comunista estava em plena forma, muito mais que nós todos que o ouvíamos: Mário Filópaldi, ex-presidente da Câmara Brasileira do Livro, Marília Andrade e Virginia Pinheiro, de LEIA, e os anfitriões Marco Giuliete e Laura de Aquino. Indagado sobre o segredo de sua juventude, Prestes riu e deixou escapar: disciplina... muita disciplina, que eu aprendi no exército.

O depoimento que temos de Prestes daria quase um livro. Aqui, selecionamos apenas a parte em que ele fala da insurreição de 1935. Com a palavra, Prestes.

*Ho rugem*

**“**Todas essas comemorações que se fazem anualmente sobre o que já chamavam Intentona Comunista é para dizer que o Movimento de 35 foi realizado por ordem da III Internacional. Tudo isso é inverídico. “35” foi fundamentalmente uma luta antifascista.

Já em 1933 surgiu no Brasil o Partido Integralista com o apoio do governo de Getúlio, querendo levar o Brasil para um regime fascista. De maneira que eu — que estava na União Soviética desde 1932 — resolvi voltar. Isto foi por minha vontade própria: “eu vou porque já estou aqui há três anos, vou lutar contra o fascismo lá no Brasil”.

O Secretariado da III Internacional era dirigido pelo camarada Dimitri Manuilski, que se tornou meu grande

amigo. Ele insistiu muito comigo para não vir, porque cuidava da minha segurança, achava que eu não teria segurança suficiente no Brasil.

Isto se comprova pela pessoa que ele escolheu para me acompanhar: a Olga, pessoa de inteira confiança a quem ele deu essa tarefa.

Em outubro de 1934 uma delegação do Partido Comunista esteve na União Soviética. Essa delegação pin-

tou um quadro de uma situação já revolucionária no Brasil. Depois verificamos que era um quadro muito exagerado. Não havia uma situação assim tão revolucionária no país. Havia descontentamento já muito grande com o Getúlio porque ele não cumpriu nenhuma das promessas com que se apresentou candidato em 30.

Agora saiu um livro sobre a Olga, do deputado Fernando Morais, em

***Eu era um simples membro do partido, ele era o Secretário-geral. Mas o Miranda enganava os outros. Chegava no mapa do Brasil, botava o dedo em qualquer lugar e dizia quantos membros, quantas bases o Partido tinha...***

que justamente está fá claro, nas palavras de Manuilski com a própria Olga, que eles resistiram muito a essa intenção dos comunistas brasileiros, do Secretariado.

Discutiram muito, mas concordaram afinal que a situação no Brasil era realmente séria.

Quando o companheiro Jorge Dimitrov foi preso, acusado de ter posto fogo no Reichstag com mais dois companheiros búlgaros, houve uma campanha internacional pela libertação de Dimitrov e no Brasil essa campanha tomou um vulto muito grande.

Depois da libertação de Dimitrov o Partido transformou essa força de massa, já mais ou menos organizada, em luta pela paz. Nessa luta pela paz, no mês de março se reuniu uma grande assembleia no teatro João Caetano.

no, e nessa assembléia foi fundada a Aliança Nacional Libertadora.

A ALN devia lutar pela independência nacional, mas fundamentalmente era contra o fascismo. Eu fui eleito nessa Assembléia presidente de honra da Aliança, por causa do prestígio da Coluna.

O crescimento da Aliança se deveu ao descontentamento popular e ao desgaste do Getúlio. Os tenentes não tinham feito nada, não resolveram nenhum problema. O Getúlio também não fazia nada. A situação econômica era má.

Agora ai houve erro nosso na avaliação da situação econômica e do próprio desgaste do Getúlio. Porque em 1929 o Brasil sofreu todas as consequências da crise geral do capitalismo: o preço do café foi lá para baixo, o Brasil não podia importar quase mais nada. Mas já em 1933, se nós tivessemos examinado a situação econômica com mais atenção, talvez pudéssemos adiar mais o movimento.

O problema foi que em 1933 nós tínhamos passado o ponto mais baixo da crise, tinha começado um certo desenvolvimento, diminuído a falta de trabalho, começado portanto uma saída para a crise, já nos meados de 33. Nós, no entanto, não pensávamos em luta armada imediatamente.

Em setembro de 35, houve uma greve, em Petrópolis em que houve choques violentos entre comunistas e integralistas, que se espalharam pelo Brasil afora. Aqui na Praça da Sé foi liquidado o Integralismo, fizeram uma grande manifestação, os comunistas enfrentaram a reação e o integralismo nunca mais pode fazer nada aqui em São Paulo. Isso foi em agosto.

Em Petrópolis foi em setembro. O Camarada Sisson, que era secretário-geral da Aliança, nesse momento me escreveu uma carta dizendo que tinha chegado a hora da insurreição. Eu então respondi, por escrito dizendo que ele estava equivocado, que aquele movimento de Petrópolis foi muito importante, mas só depois de uns 20 Petrópolis é que nós estariamos em condições. Para formar quadros, comandantes, só no processo dessas lutas, que tinham de continuar, e que depois é que poderia se desencadear a luta armada.

Nós tínhamos forças organizadas no Nordeste, no Rio Grande do Norte, em Pernambuco, em todos os estados do Nordeste, e nos quartéis do Rio.

Mas nós não pensávamos em insurreição imediatamente. O último companheiro do Comitê Central que tinha viajado para o nordeste levava a ordem de que não se iniciasse nada por lá sem a ordem do Rio. A Internacional Comunista também não pensava em insurreição no Brasil. Em agosto de 1935 houve o VII Congresso da Internacional Comunista em Moscou. O camarada Dimitrov, analisando a nossa Aliança Nacional Libertadora falou textualmente o seguinte: "No Brasil, o Partido Comunista, com a criação da Aliança Nacional Libertadora, baseia-se no sentido do desenvolvimento da frente única antiimperialista. A ANL tem que fazer todos os esforços para continuar ampliando sucessivamente esta

Era mais fácil construir o partido nos quartéis do que nas fábricas. Nós tínhamos três jornais: um do Exército, um da Marinha e um da Aeronáutica e os soldados faziam questão de botar o jornal do Partido na mesa do comandante...

frente, mediante a incorporação, em primeiro lugar, das massas de milhões de camponeses, tendo como objetivo a criação de um destacamento de um exército nacional revolucionário, fiel sem reservas à revolução, e combater pela instauração do poder da ANL".

Não era pois um poder comunista. Era o poder da ANL que nós caracterizávamos como um governo popular-nacional-revolucionário que combateria os monopólios e o latifúndio, os principais inimigos do país.

E ai chegou novembro. A revolta eclodiu inesperadamente, voltou a afirmar.

Eu estava em rigorosa clandestinidade, só tinha contato com o Partido através do secretário-geral que era o companheiro Miranda. Que, aliás é injustamente acusado no livro do Fernando, chamado de ignorante. Ele não era ignorante, ao contrário, era um nacionalista, não era um comunista. Era professor primário, falava francês muito bem, melhor do que eu. Não era marxista, muito longe disso, mas não se podia dizer que era um ignorante, atrasado, é exagero, é uma coisa exagerada. Eu não preten-

ter iniciado o levante, mas tivemos que perder um dia até encontrá-lo.

Eu não podia — eu não era dirigente do Partido — fazer nada sem consultar a ele que era o Secretário do partido, a direção do Partido era ele. Havia oficiais da Aviação, com os quais eu estive na noite de 25 para 26 ali no Catete, que queriam levantar logo de uma vez. Eu disse "não, espera; para fazer uma coisa disciplinada". Eu não podia passar por cima do meu comandante, eu era um simples membro do Partido, ele era o Secretário-geral.

No dia seguinte estivemos com ele. O Secretariado Latino-americano do Comintern estava lá. A União Soviética devido a que a situação parecia pré-revolucionária no Brasil, tinha transferido o Secretariado de Buenos Aires para o Rio de Janeiro.

O Camarada Ghioldi era o chefe e Berger estava como auxiliar. O Berger só veio a pedido do Miranda, ele pediu que viesse um assessor a quem ele pudesse consultar. Eu conheço bem as ordens que foram dadas ao Berger: que não interviesse nos assuntos internos do Partido. O papel do Berger era responder às indagações

Quando chegou a notícia de Natal, perdemos um dia inteiro até encontrar o Miranda. Já na reunião, diante do quadro, ele até vacilou.

Eu insisti: já que os companheiros levantaram-se lá, nós vamos deixá-los abandonados?

do defendê-lo porque mesmo era capaz de exageros maiores.

Quando ele esteve em Moscou, o camarada Manulski ouviu-o durante muitos dias, ele enganava os outros. Ele chegava no mapa do Brasil, botava o dedo lá em qualquer lugar e dizia quantos membros do Partido tinha, quantas bases etc.

O Partido era muito fraco, não tinha base nenhuma na classe operária. Mas os exageros do Miranda... Ele dizia a mim, que iniciada a luta, imediatamente a cidade estaria às escuras e sem bondes, os postes da Light de Ribeirão das Lages já estavam todos preparados para estourar, explodir. Não tinha isso! Quando chegou o dia não houve nada.

No dia 23, de novembro recebo telegrama, dizendo que o Batalhão de Caçadores de Natal tinha se levantado. No dia seguinte, o Batalhão de Recife apoiou.

Eu estava no Rio. Reunimos os companheiros, mas não havia meios de encontrar o Miranda, não sei o que houve com ele, sei que desapareceu. Perdemos pelo menos um dia. Na noite de 25 para 26 já se podia talvez

que o Partido quisesse fazer. Tanto que ele não tinha contacto nenhum a não ser com o Miranda.

Já nessa época o Comintern estava muito preocupado em não intervir nos assuntos internos de outros partidos; cada um era responsável pela elaboração da sua linha política, não tinha nada que ouvir qualquer ordem da International. Não havia nada disso, é preciso desmentir tudo isso. E a revolução não visava uma revolução comunista, a revolução era nacional-libertadora, e particularmente antifascista. O principal era combater o fascismo, tanto que arrastou homens como Hermes Lima, João Mangabeira. Todos esses foram presos também como os outros, os comunistas.

Diante do quadro, na reunião, o Miranda já vacilou, mas eu insisti: já que os companheiros levantaram-se lá, nós vamos deixá-los abandonados?

A força que nós tínhamos no Rio admitia que eu tinha base militar em todos os quartéis da Vila Militar e no Batalhão Naval. Mas não havia nada. Não se levantaram. Levantou-se o III Regimento de Infantaria na Praia

Vermelha, numa situação muito ruim: aquilo ali é uma garganta. A ordem que eu mandei foi a de que o Regimento se levantasse, saisse imediatamente daquela garganta, mandasse guardas-francos para o Palácio Guanabara e para o Palácio do Catete, e avançasse até o Arsenal da Marinha para ajudar o Batalhão Naval a se levantar, para depois então marchar para o Quartel-general do Exército. Mas não puderam sair da garganta. Teve uma luta interna muito séria, e quando eles estavam em condições de poder sair, o general Dutra que era o comandante da Região, já tinha fechado a garganta ali no início da praia de Botafogo. O Regimento ficou só. Também a Escola de Aviação levantou-se mas teve de abandonar as posições.

Mas por que houve esse levante? Há muita especulação a esse respeito, inclusive a de provocação policial. Não foi nada disso. O que houve é que, naquela época, era mais fácil construir o partido nos quartéis do que nas fábricas. Porque desde 30, — os quartéis, o Exército — estavam muito anarquizados então o descontentamento dos soldados era muito grande; em todos os quartéis nós tínhamos base.

O que é que um comunista deve fazer num quartel, qual é o trabalho dele? Deve ser um trabalho de propaganda do comunismo para preparar os soldados para, no caso de um levante da classe operária, apoiá-la. Mas o que se fazia não era propaganda, era agitação, uma agitação tremenda. Ora, uma agitação comunista de arma na mão, a gente pode dizer o que é que vai dar. Nos refeitórios a agitação era quase diária. Nós tínhamos três jornais, um do Exército, um da Marinha e um da Aeronáutica, e os soldados faziam questão de botar o jornal do Partido em cima da mesa do comandante.

Agora, diante da derrota, há muitos companheiros, principalmente hoje no CC (Comitê Central) que dizem que foi um erro. Eu não concordo. Eu acho que o Movimento de 35 foi o ponto mais alto da atividade do nosso Partido ao longo de toda sua vida. Foi o primeiro Partido Comunista que se levantou em armas contra o fascismo, contra a fascificação. Os espanhóis foram os seguintes, em julho de 1936. E lá quem tomou a ofensiva foram os fascistas. Aqui nós é que tomamos a ofensiva contra o integralismo.

E como diz Lênin, depois de 1905, quando se dizia que não deveriam ter tomado as armas, mas ter feito a greve geral em Moscou, ele respondia: "não, todo movimento que é patriótico e honesto nunca é em vão". É uma experiência. Lênin chamava 1905 de "o primeiro movimento para a revolução." Foi a primeira experiência. E aqui no Brasil também. Eu acho que esse Movimento impediu a fascificação do país naquele momento. O Movimento de 35 determinou a desmoralização do Integralismo.

Participaram no acabamento desta matéria: Virginia Pinheiro, Laura de Aquino e Luis Henrique Cunha.

(1) Só que isso foi possível?

(2) A defesa do P. S. atende e gosta. (3) 9999 o remedial

# Comunistas querem esquecer movimento fracassado

Da Reportagem Local  
e da Sucursal do Rio

Cinquenta anos depois, o Partido Comunista Brasileiro quer esquecer a Intentona de 1935 e não tem dúvidas de que se tratou de "uma precipitação", uma tentativa improvisada de tomada do poder e, portanto, fadada ao fracasso. Para não-comunistas como Miguel Reale, jurista de 75 anos, ex-integralista, o levante foi mais do isso: foi uma demonstração de que o PCB "não hesita em lançar mão da força para impor o totalitarismo".

Segundo o historiador Edgar Carone, 62, professor da USP, o levante de 1935 surgiu em uma reunião em agosto de 1934 em Moscou, da Internacional Comunista, em que se declinaram os caminhos da revolução socialista na América Latina: frente ampla no Chile, insurreição no Brasil. O ex-secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, estava nesta reunião, mas não quis falar à Folha sobre 1935. De sua casa no Rio; por telefone, Prestes afirmou: "Não me interessa dar entrevista à Folha porque será vetada e não será publicada. A Folha já foi um jornal progressista e agora está ruim, com posições retrógradas".

Já seu ex-compañheiro de partido, Severino Teodoro de Mello — hoje membro da Comissão Provisória Nacional do PCB —, não hesitou em criticar o movimento do qual participou, em Recife (PE). E contou:

As 7h30 da manhã do domingo, dia 23 de novembro de 1935, o cabo Mello, então com 18 anos, decidiu tomar café no rancho do quartel do 29º Batalhão de Caçadores de Recife, quando foi avisado pelo sargento Elídio: "Vamos levantar hoje às

9h". "Da noite?", perguntou. "Não, da manhã" — foi a resposta. "Mas não tem ninguém no quartel" — disse Mello, surpreso. Este diálogo, diz Mello, reproduz bem o clima de improvisação que cercou a tentativa de levante. E continua:

Informados da insurreição em Natal, no dia 22 de novembro, os líderes comunistas de Recife receberam ordem do comitê central do partido para iniciar o movimento. A ordem pegou os líderes pernambucanos totalmente desarticulados, segundo Mello. "Não tinha mais do que cinquenta homens no quartel, trinta deles recrutas incorporados no dia 1", diz.

O historiador Edgar Carone, autor de 23 livros sobre a República, algumas sobre o PCB, acrescenta: "Houve falsas informações sobre o clima revolucionário no Brasil. Havia um clima de insatisfação e greves, mas ainda superficial, mas não havia ainda uma situação revolucionária."

**MDB**

Hoje, no Rio, será lançado o Movimento em Defesa do Brasil (MDB) idealizado pelo general Lopes Braga, que promete distribuir um milhão de panfletos nas maiores capitais do País, "denunciando a perversa doutrina comunista, que traz o crime, o terrorismo, o estupro, o tóxico", e saudando a vitória de Jânio Quadros para a Prefeitura de São Paulo, "que fez em farelo a foice e o martelo".

Os novos emedebistas garantem que a semelhança com o antigo MDB (atual PMDB) "é mera coincidência" e aproveitam a data comemorativa da Intentona Comunista para o lançamento nacional do movimento.

## Ordem do dia exalta a democracia

Do Sucursal do Rio

"Vivemos a democracia e para ela voltamos o melhor de nós mesmos, certos e convencidos desta opção como sistema político ideal para os povos livres. (...)", afirma a ordem do dia única, alusiva ao 50º aniversário da Intentona Comunista, assinada pelos três ministros militares, conforme a Folha antecipou no domingo. O texto será lido hoje, durante solenidade no Rio de Janeiro, com a presença do presidente José Sarney, e em todas unidades militares. O ponto alto da cerimônia será o cumprimento do presidente Sarney aos familiares dos mortos em 35, após a colocação de flores no mausoléu da praia do Flamengo, no Rio.

## Início estava marcado para o dia 29

Bonca de Dods

O levante que agitou o País em fins de novembro de 1935 passou para a história com a denominação de Intentona Comunista, nome que já aparece nas denúncias contra os envolvidos, formuladas, no mesmo ano, perante o Tribunal de Segurança Nacional. O movimento estava marcado para dia 29 de novembro, mas, por ter chegado ao conhecimento da cúpula das Forças Armadas com bastante antecedência, foi precipitado e acabou eclodendo em três datas diferentes: Natal (RN) em 23 de novembro, Recife (PE) em 24 de novembro e Rio de Janeiro em 27 de novembro. A data oficial, para efeito das solenidades militares de culto aos mortos das forças do governo, é 27 de novembro.

Em Natal, a direção das operações coube a cabos, sargentos, operários e funcionários públicos, que tomaram o quartel do 21º Batalhão de Caçadores no dia 23 e, depois, os pontos principais da cidade, depoendo o governador. Os insurretos formaram uma junta governativa e permaneceram no poder até a chegada de tropas federais, no dia 27. Em Recife,

mobilizou-se exclusivamente em quartéis e durou quatro dias.

No Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a revolta foi mais intensa. No 3º Regimento de Infantaria, bairro da Praia Vermelha, os insurretos prenderam os oficiais pouco antes das 3h do dia 27. Rapidamente as forças legalistas cercaram o 3º RI e depois de dez horas de combate os amotinados se renderam. No Campo dos Afonsos, também no Rio, o levante, dirigido pelos capitães Agiberto Vieira de Azevedo e Sócrates Gonçalves, foi logo dominado.

A sublevação militar de novembro de 1935 foi preparada sob a liderança do capitão Luiz Carlos Prestes, que vivia na clandestinidade, depois da Coluna Prestes (1925-27) e da adesão ao comunismo em 1931. Mas o plano de Prestes apenas correspondia ao desenvolvimento lógico da estratégia então adotada pela 3ª International (que agrupava e centralizava os partidos comunistas de todo o mundo) e, a influência do tenentismo existente na Aliança Libertadora Nacional (ANL), da qual participava o PCB, praticamente selou o destino do movimento. "Todo movimento que se baseia fundamentalmente nos quartéis está fadado ao fracasso", houve adesão de massa à ANL, mas ao levante houve apenas em Pernambuco e em Natal. No Rio não houve", disse o líder comunista.

Embora não considere a insurreição exclusivamente comunista — "foi um movimento da ANL, democrático e nacionalista, de que os comunistas fossem filiados à 3ª International



O presidente Getúlio Vargas visita os túmulos dos 16 mortos no Rio de Janeiro



Lago, Macedo e Galvão, do Governo Popular Revolucionário

## Sarney participa das homenagens no Rio

Da Sucursal do Rio  
e do correspondente em Fortaleza

O presidente José Sarney participa hoje, no Rio, das homenagens militares às vítimas da Intentona Comunista, que comemora 50 anos. O secretário de Imprensa da Presidência da República, Fernando César Mesquita, informou ontem que sua presença no evento está prevista há muitos meses em sua agenda. A solenidade será realizada na praia Vermelha, na Urca (zona Sul da cidade), junto ao Monumento aos mortos do levante comunista de 35.

A comemoração ocorrerá exata-

mente como nos anos anteriores à "Nova República": o Presidente chegará ao monumento juntamente com o governador do Estado, Leonel Brizola, às 10h, quando será executado o Hino Nacional e haverá uma salva de tiros. A seguir, passará revista à guarda de honra e em seguida cumprimentará os familiares das vítimas e depositará uma coroa de flores no mausoléu.

A solenidade será encerrada com a leitura da ordem do dia dos ministros militares, e, em seguida, Sarney irá para a Base Aérea do Galeão, de onde retorna a Brasília. O embarque está previsto para as 11h40.

## Agora, Giocondo vê precipitação

Da Sucursal do Rio  
Avani Stein

O presidente da Comissão Provisória Nacional do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Giocondo Dias, 72, comentando a Intentona Comunista de 1935, disse que "naquele instante eu achava tudo certo, anos depois também. Hoje, não. Tendo vivido e aprendido com companheiros e estudado este episódio, acho que foi uma precipitação, mais tenho muito orgulho de ter participado de 1935". Giocondo Dias, que era, na época, cabo do Exército, participou da deflagração do levante comunista em Natal (RN), único lugar onde os insurretos tomaram o poder, e instalaram um governo que durou quatro dias.

Analizando os episódios de 35, Giocondo cita dois entre os erros cometidos, como os mais importantes para o fracasso da insurreição: uma influência do tenentismo que teria feito predominar a tendência golpista do movimento; e o outro, o fato de sua direção não ter percebido que "estava em ascensão o fascismo no mundo, aqui só a capa do integralismo". Segundo o ex-cabo Dias, a influência do tenentismo existente na Aliança Libertadora Nacional (ANL), da qual participava o PCB, praticamente selou o destino do movimento. "Todo movimento que se baseia fundamentalmente nos quartéis está fadado ao fracasso", houve adesão de massa à ANL, mas ao levante houve apenas em Pernambuco e em Natal. No Rio não houve", disse o líder comunista.

Embora não considere a insurreição exclusivamente comunista — "foi um movimento da ANL, democrático e nacionalista, de que os comunistas

participaram" —, o dirigente do PCB reconhece que sua deflagração trouxe consequências para o País e para o partido: "De certa maneira, o movimento contribuiu para que o anticomunismo passasse para o primeiro plano e servisse de justificativa para uma série de provocações, como o plano Cohen, e para a decretação do Estado Novo. De outro lado, a ação desencadeada contra os comunistas foi das mais bárbaras".

As solenidades, na área militar, em honra das vítimas do levante de 35, na opinião de Giocondo, ainda mantêm esta marca anticomunista. "O espírito da revolta ainda predomina em determinados setores da elite dirigente, engrossada por uma história anticomunista. A cada comemoração aumenta o número de pessoas que, dizem, foram mortas dormindo. Quem morreu, morreu lutando", disse.

Giocondo orgulha-se de sua participação em 35, reconhece que sua deflagração trouxe consequências para o País e para o partido: "De certa maneira, o movimento contribuiu para que o anticomunismo passasse para o primeiro plano e servisse de justificativa para uma série de provocações, como o plano Cohen, e para a decretação do Estado Novo. De outro lado, a ação desencadeada contra os comunistas foi das mais bárbaras". As solenidades, na área militar, em honra das vítimas do levante de 35, na opinião de Giocondo, ainda mantêm esta marca anticomunista. "O espírito da revolta ainda predomina em determinados setores da elite dirigente, engrossada por uma história anticomunista. A cada comemoração aumenta o número de pessoas que, dizem, foram mortas dormindo. Quem morreu, morreu lutando", disse.

Analizando a Intentona de 35, Reale diz que não há razão "nem para enaltecer nem tampouco para supervalorizá-la". E acrescenta que "não devemos transformar 1935 num cavalo de batalha para a implantação desta ou daquela ideia, mas também não devemos passar uma esponja sobre aquilo que aconteceu e que tem seu significado histórico".

Em 1935, Reale estava na linha de frente do movimento anticomunista brasileiro. Chegou a ser secretário da doutrina da Ação Integralista Brasileira (AIB), partido do qual se afastou em 1939 por divergências com seu líder, Plínio Salgado. Segundo ele, a insurreição de 35 já era do conhecimento dos integralistas antes mesmo do levante em Natal. "Naturalmente, só não tínhamos conhecimento da data preparada para a insurreição", disse.

Para o jurista, a Intentona, "não se tratou, como se quer fazer, er herói de um movimento acessório ou contingente, mas, ao contrário, de uma insurreição cuidadosa e longamente preparada pelo Partido Comunista. A insurreição se deu ao mesmo tempo em dezenas de lugares do Brasil, uns os mais distantes dos outros. Falta-se apenas o que se passou no Rio de Janeiro, mas, por exemplo, na cidade de Itajubá, Sul de Minas Gerais, sede de um batalhão de engenharia, um sargento comunista levantou a guarda e tomou conta da cidade". E acrescentou que "havia articulação

GK0.TXT.414, p.29  
Uma época de fez escassez as  
planos e poucos de preparação de  
um ambiente muito ruim, mas  
uma cultura que podia ser possibili-  
tada a partir de um projeto  
a curto prazo, mas que  
o país de fato implementou  
uma política de preparação  
do seu projeto.  
Foto: Arquivo Paulo Sérgio Pinheiro

com o apoio de várias instituições cearenses. Haverá concentração na praça do Ferreira, às 18 horas, reunindo autoridades civis e militares, com a realização da solenidade das vítimas e deposição de flores no mausoléu.

Entre os presentes à solenidade, estará o governador Gonzaga Mota, na qualidade de convidado especial, que deverá ali comparecer acompanhado de secretários estaduais e assessores.

Anualmente, as Forças Armadas realizam cerimônias para homenagear os que tombaram no campo de batalha, relembrando o infarto acontecimento e ressaltando o grande valor do soldado brasileiro.

A memória das vítimas da Intentona Comunista de 1935 será reverenciada amanhã, quarta-feira, em Fortaleza, por iniciativa dos comandos da Marinha, Exército, Aeronáutica e Polícia Militar do Ceará, contando

## Para Reale, um "pesadelo" preparado

Do Reportagem Local

A insurreição de 1935 foi um "pesadelo" longa emeticamente preparado pelo PCB e que, ao contrário das versões históricas correntes, rebentou não apenas em Natal (RN), Recife (PE) e Rio "mas em dezenas de lugares do Brasil, uns os mais distantes dos outros", segundo um observador contemporâneo da revolta, o hoje jurista, Miguel Reale, 75. Este "pesadelo", segundo ele, foi executado "pela fidelidade das Forças Armadas, mas, sobretudo, pela fidelidade do povo brasileiro à consciência democrática".

Em 1935, Reale estava na linha de frente do movimento anticomunista brasileiro. Chegou a ser secretário da doutrina da Ação Integralista Brasileira (AIB), partido do qual se afastou em 1939 por divergências com seu líder, Plínio Salgado. Segundo ele, a insurreição de 35 já era do conhecimento dos integralistas antes mesmo do levante em Natal. "Naturalmente, só não tínhamos conhecimento da data preparada para a insurreição", disse.

Para o jurista, a Intentona, "não se tratou, como se quer fazer, er herói de um movimento acessório ou contingente, mas, ao contrário, de uma insurreição cuidadosa e longamente preparada pelo Partido Comunista. A insurreição se deu ao mesmo tempo em dezenas de lugares do Brasil, uns os mais distantes dos outros. Falta-se apenas o que se passou no Rio de Janeiro, mas, por exemplo, na cidade de Itajubá, Sul de Minas Gerais, sede de um batalhão de engenharia, um sargento comunista levantou a guarda e tomou conta da cidade". E acrescentou que "havia articulação

em muitas outras cidades, não me sendo possível, passados tantos anos, lembrar quais. Mas, na época, eu sabia que eram dezenas de pontos de insurreição, do Rio Grande do Sul até o Pará".

Analizando a Intentona de 35, Reale diz que não há razão "nem para enaltecer nem tampouco para supervalorizá-la". E acrescenta que "não devemos transformar 1935 num cavalo de batalha para a implantação desta ou daquela ideia, mas também não devemos passar uma esponja sobre aquilo que aconteceu e que tem seu significado histórico".

Reale disse ainda que hoje não é contra o funcionamento legal dos PCs, "muito embora o faça com reservas". Mas ressaltou a posição atual dos PCs italiano e espanhol que "se desvincularam de suas raízes originais, de subordinação e fidelidade ao imperialismo soviético".

Menos de um mês depois da revolta comunista de 27 de novembro, foi criada a emenda constitucional que legalizou o PC com reservas

em muitas outras cidades, não me sendo possível, passados tantos anos, lembrar quais. Mas, na época, eu sabia que eram dezenas de pontos de insurreição, do Rio Grande do Sul até o Pará".

Analizando a Intentona de 35, Reale diz que não há razão "nem para enaltecer nem tampouco para supervalorizá-la". E acrescenta que "não devemos transformar 1935 num cavalo de batalha para a implantação desta ou daquela ideia, mas também não devemos passar uma esponja sobre aquilo que aconteceu e que tem seu significado histórico".

Menos de um mês depois da revolta comunista de 27 de novembro, foi criada a emenda constitucional que legalizou o PC com reservas

em muitas outras cidades, não me sendo possível, passados tantos anos, lembrar quais. Mas, na época, eu sabia que eram dezenas de pontos de insurreição, do Rio Grande do Sul até o Pará".

Analizando a Intentona de 35, Reale diz que não há razão "nem para enaltecer nem tampouco para supervalorizá-la". E acrescenta que "não devemos transformar 1935 num cavalo de batalha para a implantação desta ou daquela ideia, mas também não devemos passar uma esponja sobre aquilo que aconteceu e que tem seu significado histórico".

Menos de um mês depois da revolta comunista de 27 de novembro, foi criada a emenda constitucional que legalizou o PC com reservas

em muitas outras cidades, não me sendo possível, passados tantos anos, lembrar quais. Mas, na época, eu sabia que eram dezenas de pontos de insurreição, do Rio Grande do Sul até o Pará".

Analizando a Intentona de 35, Reale diz que não há razão "nem para enaltecer nem tampouco para supervalorizá-la". E acrescenta que "não devemos transformar 1935 num cavalo de batalha para a implantação desta ou daquela ideia, mas também não devemos passar uma esponja sobre aquilo que aconteceu e que tem seu significado histórico".

Menos de um mês depois da revolta comunista de 27 de novembro, foi criada a emenda constitucional que legalizou o PC com reservas

em muitas outras cidades, não me sendo possível, passados tantos anos, lembrar quais. Mas, na época, eu sabia que eram dezenas de pontos de insurreição, do Rio Grande do Sul até o Pará".

Analizando a Intentona de 35, Reale diz que não há razão "nem para enaltecer nem tampouco para supervalorizá-la". E acrescenta que "não devemos transformar 1935 num cavalo de batalha para a implantação desta ou daquela ideia, mas também não devemos passar uma esponja sobre aquilo que aconteceu e que tem seu significado histórico".

Men

# Arinos considera inviável a tese das diretas em 86

Manoel Pires

Da Sucursal do Rio

## Para Pazzianotto, Sarney tem interesse em sua candidatura

Da Sucursal de Brasília

O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, declarou ontem em Brasília que, em recente conversa com o presidente Sarney, chegou à conclusão de que "o Presidente tem interesse em que eu seja candidato a governador" de São Paulo.

"Ele não afirmou isso, mas eu acho, senti", disse Pazzianotto. "O Presidente chegou a comentar, a respeito da eleição para a Prefeitura de São Paulo, que é unânime que se você (Pazzianotto) fosse o candidato, teria sido eleito", disse.

O ministro fez estas declarações ao visitar o Comitê de Imprensa da Câmara e diante da insistência de repórteres que desejavam saber se ele preferia ficar no Ministério ou candidatar-se governador. Se atenderia ou não um apelo do Presidente para que ficasse no Ministério, o ministro disse: "Não sei, eu iria avaliar. Iria ver, por exemplo, se era um apelo formal ou não".

Pazzianotto disse ainda não haver participado de nenhum entendimento para uma renúncia coletiva do Ministério, no dia 15 de fevereiro — prazo que os ministros têm para se desincompatibilizar de seus cargos —, mas observou: "Se é para raciocinar em termos pessoais, prefiro sair em fevereiro".

Sobre a questão da renovação do diretório regional do PMDB paulista — na convenção de janeiro —, ele apontou a necessidade de um esforço em favor da unidade partidária. Pazzianotto disse que há tempos

— "oito anos" — o vice-governador Orestes Queréa vem trabalhando para ser candidato a governador, mas afirmou: "Se ele quer hegemonia (no diretório), metade do partido sai".

Ailton Soares

"Se o dr. Ulysses participar de mais uma reunião dessas, sepulta o PMDB de São Paulo", afirmou ontem o vice-líder do PMDB na Câmara, Ailton Soares, a propósito do encontro que o presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães, manteve, domingo passado, com a cúpula do PFL.

Segundo Ailton Soares, a participação de Ulysses nesse encontro "repercutiu muito mal no PMDB de São Paulo, porque o PFL é o partido do Olavo Setubal, que quer ser candidato ao governo do Estado, e porque a conversa com os frentistas ocorreu sem que a própria executiva do PMDB tivesse sido antes convocada para avaliar os resultados das eleições municipais".

Reunião

A bancada do PMDB na Câmara decidiu ontem, por aclamação, convocar uma reunião do diretório nacional "para redefinir as linhas de ação do partido e precisar seu ideário".

O autor da proposta, vice-líder Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE), disse que o objetivo do encontro é a "superação da crise de identidade que o PMDB atravessa". O diretório deverá se reunir o mais rapidamente possível.

## PT não confirma encontro de Lula e Brizola anunciado por Rossetti

Da Reportagem Local

O encontro entre o governador do Rio, Leonel Brizola, e o presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, previsto para hoje à noite, em Brasília, não tinha sido oficialmente confirmado até às 18h de ontem. A informação foi dada pelo secretário-geral nacional do PT, professor Francisco Weffort, 48, que interrompeu reunião do Conselho Político do partido, em sua sede da Vila Mariana, zona Sul de São Paulo, para atender à imprensa. Lula, que também participava da reunião, preferiu não tratar diretamente do assunto com os jornalistas.

O deputado Nady Rossetti, líder do PDT na Câmara Federal, havia anunciado o encontro na segunda-feira, em Brasília, dizendo que Lula e Brizola tratariam da sucessão presi-

dencial. Ontem, Weffort afirmou que os dois devem realmente se encontrar, mas não necessariamente nesta semana.

Dando sua opinião pessoal sobre a proposta do governador Franco Montoro de formação de uma coligação do PMDB, PT e todas as "forças progressistas", nas eleições para o governo do Estado em 86, Weffort disse que o PMDB, mais uma vez, encaminha o processo sucessório lançando nomes antes de discutir programas. E comentou: "Do ponto de vista do PT, isto significa areia na engrenagem".

Weffort disse também que os petistas não aceitaram a decisão do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás contrária à anulação das eleições em Goiânia (GO), e que vão recorrer ao Tribunal Superior Eleitoral.

## STF julga hoje Ackel, acusado de prevaricação

Da Sucursal de Brasília

### Garcia não acredita em criação de partido

O governador de Minas Gerais, Heitor Garcia, 54, em entrevista coletiva concedida ontem, considerou remota a possibilidade do surgimento de um novo partido para dar sustentação ao presidente José Sarney, formado pelo PFL, pela dissidência do PDS maluquista e por uma ala dos moderados do PMDB, e com o apoio do próprio Sarney. No caso da hipótese se concretizar, Garcia disse que permanecerá no PMDB. O governador se encontrará hoje com o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, em Brasília, pela primeira vez depois da eleição de 15 de novembro.

### Amaral faz acusações

O deputado Amaral Neto (RJ), primeiro vice-líder do PDS, ocupou ontem a tribuna da Câmara para acusar o líder do partido, Prisco Viana, de adotar uma posição de amizade ao governo, e anunciar que exercerá uma "oposição des�airada", mesmo que seja o último a ficar na legenda e "apagar a luz". O pronunciamento foi ouvido pelo próprio Prisco Viana e por mais de trinta deputados pedestristas, recebendo uma única contestação. O deputado Antônio Amaral (PDS-AM), em aparte, acusou o orador de querer comandar o PDS.

### Título para d. Avelar

O cardeal d. Avelar Brandão Viveira, 73, arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil, recebeu ontem, em sessão solene realizada no salão nobre da reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o título de "doutor honoris causa". O título foi conferido por iniciativa do reitor da universidade, professor Germano Tabacof.

### Arquivado o caso Cintra

A Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia decidiu ontem às 16h, pelo arquivamento das conclusões da Comissão Especial de Inquérito que apurou o episódio Cintra/Beatriz. Segundo o cabo Silviano Martins, o deputado Benedito Cintra (PMDB), 32, estava em companhia da investigadora de polícia, Beatriz Mariano, seminua, na sala da polícia civil da Assembleia Legislativa em São Paulo, na madrugada do dia 6 de agosto. A Comissão de Justiça, por sete votos contra um, resolveu arquivar o caso.

### Agendas

**Presidente**  
não foi fornecida

**Governador**  
assinatura de decreto descentralizando as compras da administração estadual  
08h30 assinatura de mosaicos da Assembleia Legislativa, an-  
ticipando projeto de Lei que amplia o acesso à Justica  
09h00 assessor de Imprensa  
09h30

**17h15** Missão do Ministério de Ciência e Tecnologia do governo do Alemanha Federal  
**10h30** reunião do secretariado de Desenvolvimento Social  
**15h00** autoriza convênios entre as secretarias de Esportes e Turismo e da Promoção Social e várias prefeituras

**16h30** Associação Rodoviária do Brasil

**10h** Encontro de Administração Municipal de Trânsito  
**13h00** secretário de Governo  
**14h00** secretário dos Negócios Extraterritoriais  
**15h00** cerimônia de instalação da S.P. Assembleia Legislativa  
**16h00** inauguração do Posto de Assistência Médica



Afonso Arinos fala sobre os trabalhos da comissão na Fundação Casa de Ruy Barbosa

## Apreensivo, jurista defende parlamentarismo

MARCELO BERABA

Diretor da Sucursal do Rio

O jurista Afonso Arinos de Melo Franco completa hoje oitenta anos. Quando nasceu, na recém fundada Belo Horizonte, em Minas, no início do século, o País ainda tentava sedimentar as bases da República proclamada dezessete anos antes. A primeira Constituição do novo regime tinha sido promulgada em fevereiro de 1891, fortemente influenciada pelos princípios constitucionais liberais americanos.

Passadas oito décadas, quando se debruça sobre experiências tão diferentes como as que viveu em velhas e novas repúblicas, ditaduras e períodos de transição, este senhor cansado mas bem-humorado não esconde que está "apreensivo" com o futuro próximo do País e cada vez mais convicto de que o parlamentarismo — que ele imagina, para nós, como um regime que misture as experiências alemã e francesa — é a única solução possível para se construir uma democracia estável.

"Os problemas que vivemos agridecem mais do que as possibilidades de solução", diz. "Quando falo em problemas, falo em falta de habitação, em miséria, inflação e analfabetismo. Dá para advinhar um futuro difícil. Eu fico apreensivo porque acho que a agressividade e a rapidez dos problemas não estão sendo enfrentadas pela organização, mobilidade e energia das forças políticas responsáveis pela sua solução. E isto não é bom."

### Ministro duas vezes

Duas vezes ministro das Relações Exteriores (de Jânio Quadros, em 1961, e de João Goulart, ainda na fase parlamentarista, também em 61), deputado federal durante onze anos, líder de um dos conjuntos mais afinados da política brasileira — a "banda de música" da UDN —, senador da República, escritor diversas vezes premiado e professor universitário, Afonso Arinos divide, agora, seu curto tempo entre as funções de diretor do Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas e a presidência da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, comissão governamental que estuda um anteprojeto de Constituição para o País.

"A reflexão depende sempre da localização das lembranças", disse segunda-feira, quando se preparava para as homenagens que começaria a receber ao longo da semana — a mais importante a mostra "Afonso Arinos", organizada pela Fundação Casa de Ruy Barbosa e inaugurada ontem à noite pelo presidente José Sarney. "No meu caso, as recordações são as do político e do escritor. A recordação em mim não é pessoal, mas atávica, de uma tradição de personalidades liberais que vem desde a colônia."

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

## Justiça recebe inquérito sobre caso Baumgarten

Da Sucursal do Rio

O ex-ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, 54, será julgado hoje pelo Supremo Tribunal Federal no primeiro processo em que foi indicado por prevaricação (artigo 319 do Código Penal) pela Peficiência Federal, apontado como responsável pelo arquivamento de inquérito policial que apurava fraude na compra de táxis a álcool em Mariana, a 120 km de Belo Horizonte (MG). Em sessão secreta, o STF decidirá se acolhe ou não a denúncia oferecida pelo procurador José Sepulveda Pertence. Prevaricaria "retardar ou deixar de praticar indevidamente ato de ofício ou praticá-lo contra disposição expressa em lei para satisfazer interesses ou sentimentos pessoais". Pena: três meses a um ano de detenção, acrescido de um terço por tratar-se de funcionário público.

A Procuradoria-Geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

O procurador-geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indicado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

de Amaral faz acusações

# O outro lado da Intentona de 35

Ivan Pedro de Martins evoca aos 72 anos as causas e o fracasso do movimento armado de que participou

Em 500 páginas, primeiro dos cinco volumes de memorialística política, Ivan Pedro de Martins, 72, advogado, consultor de empresas e escritor, um dos 21 dirigentes nacionais da Aliança Nacional Libertadora, embrenha-se no movimento armado de 1935 e entrega à Editora Nova Frontera os originais de A flecha e o alvo — O outro lado da Intentona. Narrado na primeira pessoa, o livro vai dar conta da importância cultural e histórica da Aliança num terreno em que, segundo o autor, há precariedade de informações. Morando hoje em Cascais, Portugal, depois de



**Ivan Pedro de Martin**

ter sido assessor de imprensa na embaixada de Londres no período de Roberto Campos ("há mais de 40 anos temos divergências políticas mas também uma grande amizade"), Ivan Pedro de Martins, ex-comunista (deixou o PCB em 1949), espera o dia em que as comemorações de 35 cederão lugar à construção da nacionalidade sem rancor ódios e falsidades históricas. Entre os mais atingidos em sua avaliação da década de 30 está Getúlio Vargas, "um homem que negava valores políticos e morais em busca apenas do poder".

*Beatriz Bomfim*

**C**ONTAR a respeito deste livro é, principalmente, explicar-me. Eu escrevi o livro na primeira pessoa, pela primeira vez na vida, e comecei tudo há 15 anos. Foi em virtude do ceder aos pedidos dos meus companheiros de direção da Aliança Nacional Libertadora, para que eu desse o depoimento a respeito do movimento e da chamada Intentona Comunista de 1935.

Como um jovem de 20 anos, eu fui um dos 21 dirigentes nacionais da AND. Desses 21, 19 já morreram. Lá se foram Cascardo, Amorety Osório, Sisson, Campos da Paz, Costa Leite e tantos outros. Ficaram vivos Francisco Mangabeira e eu. E acontece que os depoimentos ou pequenos trabalhos feitos para desenterrar a realidade histórica daquele momento não deram, até hoje, uma visão dos que estavam dentro do movimento.

Tudo se encaixava na visão geral que tínhamos do mundo. Estávamos em contato com o comitê internacional pela defesa da paz e luta contra o fascismo, sediado em Paris. Na vida subterrânea, na exposição das esperanças, dos jovens e dos não jovens, nas nossas conversas com Ghioaldi (Rodolfo Ghioaldi, argentino, da International), com Berger (Harry Berger, codinome do ex-deputado alemão Arthur Ernest

Erwt, outro que veio para o Brasil antes do movimento), sobre o futuro do mundo onde a ameaça fascista e nazista crescam, pensávamos: este flanco, se se tornar vitorioso no Brasil, arrastará toda a América Latina e criará condições para uma contra-ofensiva antifascista em escala mundial. Nós não sonhávamos apenas em fazer do Brasil um país democrático-revolucioná-

rio. Nós sonhávamos com uma confederação de repúblicas democráticas revolucionárias, num caminho que impediria o fascismo e a guerra.

Mas nós confundíamos aquele entusiasmo que é o desespero de quem nunca vira diante de seus olhos a multidão que nos acompanhou Brasil afora, com a realidade orgânica que é a preparação da revolução, inexistente. Como ficou comprovado, transformando-se o movimento de 35 em pouco mais de uma quartelada, sem que nenhuma greve fosse desencadeada de apoio. Em compensação, o movimento armado de 35 revelou aspectos heróicos e de uma beleza moral notável, dos que dele participaram, e de coragem também, por que não dizer, dos que estavam do outro lado. Porque uma das coisas que o livro tem em sua introdução é a seguinte: a Inglaterra monárquica tem por toda parte estátuas de Cromwell, o republicano que cortou cabeças de reis; a França republicana tem estátuas de seus imperadores e da

seus reis, que fazem parte da organização política de sua história. Não teria passado tempo suficiente para que as duas partes que se digladiaram em 35 percebessem o que houve de grandeza nos dois lados? Não é chegada a hora — esta é a plataforma do livro — de enterrar comemorações indígnas como as que são realizadas todos os anos, num culto de ódio ao invés de se cultivar o que houve de heróico para efeito da construção da nacionalidade?

O livro faz um relato minucioso e critico mostrando onde erramos, onde fomos ingenuos e onde nunca agimos de má-fé. O movimento de 35 é o resultado de uma serie de coisas como, por exemplo, congresso antiguerrheiro de 1934, realizado no Teatro João Caetano/ E de outros movimentos, como o congresso da juventude, que teve suas sedes provisórias sistematicamente destruídas.



*Soldados e praças do 3º RI, de Natal, onde começou a Intentona de 35, desfilam desarmados, depois que tudo acabou*

camente destruídas pela polícia. Finalmente, da ação dos homens que vieram da revolução de 30, os restantes de 32 que não caíram no fascismo e todos os que queriam colocar um ponto final no latifúndio, na dominação imperialista, na ignorância, na fome e na miséria. Tudo isto mobilizou e o Partido Comunista foi um dos elementos que organizou a ação. Daí a achatar que a ANL era um reduto de comunistas, é impreciso. Basta ver os homens que estavam à sua frente: um Cascardo, homem de centro, Osório, esplêndida, Silson, de esquerda. Entre 21 pessoas, apenas três ou quatro eram do partido. Eu faço questão de mostrar isto para que se entenda que a Aliança começou como uma frente única democrático-revolucionária, tentando tirar o país do buraco. Não era apenas um instrumento do partido, nem estava a serviço de Moscou. Claro que sofreu a influência de todos, do partido e dos que, sem serem comunistas, tinham pouquíssima experiência de organização em escala nacional.

É importante dizer que estávamos tentando preparar a luta armada sem data fixada, eventualmente entre 15 de dezembro e 15 de janeiro e existem documentos hoje que parecem atestar o envio de agentes provocadores da polícia ao norte, com a finalidade de desencadear o movimento. Nós fomos tomados de surpresa na reunião em que estávamos quando chegou um es-tafeta. Discutímos sobre o programa da Aliança, os debates haviam sido extremamente profundos. Mas havia um aventureirismo dentro do partido que confundia desejo com realidade.

E, voltando ao que dissera antes, estávamos reunidos para decidir sobre um movimento armado em um pleno ampliado do partido comunista quando chegou um es-tafeta. Foi um corre-corre grotesco para

saber quem ia fazer o que e como, que não daria em nada. Assisti a tudo do rádio, na casa do Aporelli (Barão de Itararé), para onde havia sido mandado pelo partido. Em caso de vitória, ajudaríamos a mobilização popular.

Mas tudo resultou em inocuidade. Houve o desencadeamento da luta em Natal, as consequências no Rio, a derrota em cinco dias de tudo que poderia ter sido diferente se, pelo menos, tivessemos conseguido nos articular militarmente para uma ação pouco mais adiante. Parece-me que o movimento de 35 foi, entre outras coisas, o resultado da militarização da vida política, herança dos nossos homens militares desde os movimentos de 22, 24, 26, 30 e 32. Esqueceram-se, sempre, do conteúdo sociológico da mobilização necessária para dar embasamento à luta armada. Então 33 foi a repetição final e trágica de uma trajetória já derrotada desde 22. Derrotada em 22, em 24, apesar do heroísmo da Coluna Prestes, derrotado o movimento no Rio em 26; 30, já foi o contrário — houve embasamento do movimento armado para que ele tivesse conteúdo e foi o que foi; 32 foi mais uma tentativa, uma volta, mas pelo menos mais limpa, à democracia pré-30 do que pós-30. E 35 foi a soma das desilusões dos militares que, durante todo este período, foram derrotados e ainda tentaram, idealisticamente salvar o Brasil.

Isso é o que eu penso e está no livro. O que não implica negar o que houve de grandeza durante todo este curto trajeto de menos de quatro meses que vai de 23 de março de 1935 a 11 de julho, quando a ANL foi fechada. Uma visão crítica e por vezes impiedosa certamente causará polêmica, afetará pessoas e grupos. Que o meu julgamento do movimento de 35 seja o único correto, seria estupidez e pretensão. Mas foi o que os meus olhos viram.

## *Opiniões de Ivan Pedro*

**Sobre Luiz Carlos Prestes:** "Com todas suas carências eventuais e esquemáticas, ainda hoje considero que, na história séc. XX, não houve ninguém mais importante moral e historicamente do que este, independentemente dos erros pecados que cometeu e continua a cometer. nele uma base cultural que, ainda que torcida, não encontro em nenhum líder brasileiro. Este homem é das coisas mais importantes que o Brasil produziu no séc. XX."

**Sobre Antonio Maciel Bonfim (o Mida):** "Era um ser inferior. Realmente a das pessoas mais desprezíveis que eu heci. Não gostaria de usar este termo, s devo usá-lo, pelo que foi a minha convivência política com ele. E não falo o que se soube depois dele (é apontado alguns como a pessoa que enviava tórios fantasiosos a Moscou quando retário-geral do PCB, e traidor), mas ele ha uma mistura de ignorância, irresponsabilidade e uma capacidade de talento magógica dentro do próprio partido."

**Sobre Harry Berger (ex-deputado alemão, que chegou ao Brasil com a mulher se):** "Uma das cabeças mais bonitas que conheci."

**Sobre Getúlio Vargas:** "Eu diria que o nem que está sendo mitificado — embora só pessoa não possa receber a culpa histórica — foi o cume de todo um período de negação da ideologia, de negação dos princípios morais e políticos e para quem o fizer foi a única ambição na vida. Quando é hoje o discurso dele após o movimento 35, fazendo o elogio do fascismo e a infação da democracia, a gente vê que este homem depois foi se transformar em defensor da democracia apenas pelo jeito de poder, na segunda fase de seu governo. Ele, Vicente Rao e Fillinto Müller foram os que representaram aquilo que era de mais odioso, foram os que trouxeram para o Brasil especialistas em tortura de três países que a praticavam sistematicamente — Alemanha, Itália e Japão. Todas estas pessoas — mais aqueles dois homens que são o coronel Miranda Correia e Beratim Braga — são odiosas em termos de visão histórica, apesar de que alguns eram ratos e outros gatos."

**Sobre o livro Olga, de Fernando Mo-**  
-: "O livro não entra em conflito com a  
-ha visão de 35; é uma fração de um  
-o importantíssima, pelo papel que teve  
-mobilização das mulheres no Brasil,  
-menos uma fração de mulheres cons-  
-tantes para salvar Olga Benário. Olga  
-realizou sua ação num personagem sa-  
-cado; eu procuro dar um conjunto do  
-aconteceu".

# Um solitário adeus ao Comandante

(Continuação da primeira página)

O tenente Lamartine Coutinho estava assistindo um dia desses, em seu apartamento em Copacabana, à novela *Kananga do Japão*, da TV Manchete, ambientada na época da rebelião comunista de 1935, quando um personagem entrou no ar com a informação de que ele acabara de levantar o 29º Batalhão de Caçadores, em Socorro, na periferia de Recife. Em nenhum dos depoimentos que deu a historiadores sobre sua participação no episódio, o tenente Lamartine foi tão crítico quanto ontem, ao relembrar detalhes da deflagração do movimento, embalado pela emoção do sepultamento do líder Luís Carlos Prestes.

"Gostaria que houvesse uma reunião hoje com o comparecimento de Caetano Machado, um padeiro que chefiava o secretariado da revolução no Nordeste e que infelizmente já morreu, para dizer que ele era boçal e autoritário e foi a voz desgraçada que precipitou o movimento de 1935. A mim me parece que ele foi um agente provocador ao decidir que o movimento teria que começar no dia 24 de novembro", disse o tenente Lamartine.

Caetano, segundo ele, dominava o principal chefe militar da chamada Revolução Nacional Libertadora em Pernambuco, o capitão Silo Meireles, pelo simples fato de que estava em voga, no Partido Comunista, a preferência por operários nos postos de comando. "Um pequeno burguês intelectual era chamado de vacilante, cheio de ilusões democráticas. A palavra de um operário valia dez vezes mais."

De inicio, custou a acreditar que a revolução tinha sido marcada para um domingo, dia em que não havia gente no quartel. Acabara de sair da "Festa do rubi", no sábado à noite, no pátio da Faculdade de Direito de Recife, quando foi procurado por um emissário do comando revolucionário: "Ele me disse: 'Lamartine, você foi escolhido para levantar amanhã

o 29º BC. Vai assumir o comando desse batalhão'. Eu perguntei: 'Tem muita gente lá, eu me ligo com quem?' 'Você procura o Besouchet (tenente Alberto Bomilcar Besouchet) e tem mais uns sargentos lá.' Eu levantei o batalhão, sem vaidade nenhuma, pelo meu prestígio pessoal lá dentro."

A revolta de Natal, primeiro foco da denominada Intentona, começara no dia 23. O tenente Lamartine conta que chegou bem cedo no dia 24 ao quartel e às 9 em ponto saltou do primeiro andar da 1ª Companhia de Fuzileiros e começou a prender oficiais, com ajuda de três ou quatro sargentos e cabos. Quando gritou a senha *Viva Prestes* para o capitão Everardo de Barros Vasconcelos, ele reagiu: "Viva coisa nenhuma". Saíram no tapa. Outro oficial, Frederico Mindelo Carneiro Monteiro, tentava o tempo todo encostar o revólver na cabeça de Lamartine, que usava Everardo como escudo e acabou rolando com ele numa ribanceira. Everardo conseguiu escapulir para o pavilhão dos oficiais e de lá começou intenso tiroteio. Besouchet foi ferido na perna. Naquela hora, em vários pontos de Recife e Olinda haveria assaltos a delegacias e postos de polícia. O líder comunista Gregório Bezerra tentava tomar o CPOR e a sede da 7ª Região Militar.

O tenente Lamartine apossou-se de duas metralhadoras pesadas e com 20 homens embarcou num caminhão em direção ao Largo da Paz. No quartel, ficou um grupo que ainda resistiu a 30 horas de fuzilaria das tropas legalistas. No caminhão, ia clamando o povo a se juntar ao movimento. "Tanta gente aderiu que tivemos que tomar um bonde para levar o povo. Eu ia na frente, na balaustrada do bonde, com o revólver apontado para o alto, gritando a senha *Viva Prestes*". Na ponte sobre o Rio Capibaribe que dá acesso ao Largo da Paz, deixou um sargento com uma das metralhadoras pesadas. O sargento se entregou ao primeiro batalhão legalista que apareceu.

Lamartine conseguiu licença de um padre para instalar a outra metralhadora na torre da Igreja da Paz, com o compromisso de "respeitar os objetos de culto". Dali, fez sua guerra até o dia seguinte, quando o primeiro tiro de canhão acertou a torre da igreja e ele fugiu com seus homens para o interior. Foi preso, ficou dois anos incomunicável na Casa de Detenção de Recife, saindo da cela apenas uma vez por mês para tomar banho e fazer a barba: passou 10 meses na ilha presídio de Fernando de Noronha (onde também estava o líder comunista Agildo Barata); foi condenado a 30 anos pelo Tribunal de Segurança Nacional, mas conseguiu reduzir a pena para dez; ganhou livramento condicional em 1941 quando estava no presídio da Frei Caneca, no Rio; voltou à tropa com a anistia de Getúlio Vargas em 1951; chegou a coronel em 1964; foi dado oficialmente como morto pelo regime militar (sua mulher, Luiza, recebia pensão como viúva de marido vivo); e, finalmente, anistiado em 1979 pelo presidente João Figueiredo, foi para a reserva como coronel, mas com soldo de general-de-brigada, um alívio no orçamento da profissão que o sustentou na adversidade, a de professor de matemática.

Hoje, depois de duas pontes de safena, uma operação de vesicula, uma de próstata e outra de hemorragia cerebral, o tenente Lamartine ainda caminha diariamente pelo calçadão da Avenida Atlântica. Mas procura fugir de emoções. Reclama, por exemplo, quando Luiza lhe fala dos preços no supermercado. Por mais que tivesse tentado fugir das lembranças de 1935, não conseguiu tirar o olho da televisão no noticiário do enterro de Prestes. E não conteve o desejo de prestar no cemitério a última homenagem ao Comandante com quem conversou raríssimas vezes, mas a quem devotava "uma disciplina férrea e grande convicção ideológica", sem jamais ter-se filiado ao Partido Comunista. (M.P.)

Textos Capítulo (II) 1938-39



**A morte de Prestes****Prestes morre de câncer aos 92 anos no Rio**

A mulher de Prestes, Maria do Carmo Ribeiro (ao centro), diante do caixão na Assembléia Legislativa

**Passeios na praia eram hobby**

Da Sucursal do Rio

Desde fevereiro, quando Prestes passou quatro dias internado na Clínica São Vicente, na zona sul do Rio, para tratamento de uma anemia profunda, a família sabia que seu estado era grave. Segundo seu assessor, o deputado estadual Acácio Caldeira (PDT-RJ), os médicos constataram na casinha "deterioração" no sangue e "problemas na medula".

Caldeira disse que, após sair da clínica, Prestes passou 15 dias de férias em Fortaleza (CE), com o filho Paulo Roberto e sua mulher, Maria do Carmo Ribeiro. Voltou o último dia 23. No dia seguinte, Prestes começou a sentir dores na bexiga, mas não queria ser internado. "Dizia que queria dormir em casa", afirmou seu filho Paulo Roberto.

No dia 24 foi atendido em seu apartamento, na Gávea (zona sul), pelo hematologista Eduardo Cortes. Segundo o filho adotivo Carlos Ribeiro, Prestes resistiu ao tratamento porque defendia a homeopatia. Em Fortaleza, segundo Paulo, Prestes fez uma palestra sobre a perestroika —política de abertura econômica na União Soviética— na Associação Cearense de Imprensa e deu entrevista para um filme sobre sua vida.

O ex-secretário-geral do PCB foi internado pela primeira vez este ano em 5 de janeiro. Ficou dez dias na Clínica São Vicente. Os médicos recomendaram descanso e boa alimentação. Paulo Roberto disse que em Fortaleza Prestes não teve problemas de saúde, "mas estava deprimido".

Segundo ele, a depressão começou em dezembro passado, quando a esquerda perdeu a eleição presidencial.

**Familiares não militam**

Da Sucursal do Rio

Nenhum dos sete filhos do ex-líder comunista Luiz Carlos Prestes e de sua segunda mulher, Maria do Carmo Ribeiro têm hoje qualquer militância política. Luiz Carlos, 30, é cineasta e coordena o jornal Cine-Imaginário, dedicado ao cinema. Paulo, 36, edita uma revista de marketing em São Paulo e se define como "socialdemocrata". Pedro, 40 anos, fez jornalismo em Cuba e hoje trabalha numa rádio em Havana.

Maria, 63, teve dois filhos no primeiro casamento, Pedro e Paulo, e de sua relação com Prestes nasceram outros sete filhos. Dois deles, João e Iuri, moram em Moscou. João, 35, veio para o Brasil em 1979, com a anistia, mas retornou à União Soviética em 1984. Hoje trabalha com co-

mércio exterior. Iuri, 25, é historiador e hoje prepara uma pesquisa sobre o movimento armado de 1935.

As quatro filhas de Maria e Prestes (Rosa, Ermelinda, Maria e Zóia) têm um ponto comum em suas biografias: todas são casadas com brasileiros que conheciam na União Soviética, onde residiram a partir de 1970.

A filha mais velha de Prestes, Anita Leocádia, 52, nasceu na prisão de Berlin, na Alemanha Oriental, onde sua mãe, Olga Benário, foi morta em 1942. Resgatada da prisão pela avó materna, após intensa campanha internacional, Anita morou na França, México e só aos 9 anos de idade, quando veio para o Brasil, conheceu o pai.

**PCB recebe registro**

Da Reportagem Local

O Tribunal Superior Eleitoral concedeu ontem o registro definitivo ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). A decisão foi tomada por unanimidade. Na mesma sessão, foi negado o pedido de registro definitivo do PMB.

O jornal "Voz da Unidade", órgão oficial do PCB, circula hoje com capa e contracapa dedicadas à morte de Luiz Carlos Prestes. Na próxima semana, o jornal vai fazer uma análise da atuação de Prestes, apesar das divergências com o PCB. O objetivo é adotar uma posição de "equilíbrio" e tratar Prestes como um personagem "histórico", afirmou o diretor-responsável da publicação, Luis Carlos Azevedo.

O presidente do PCB, Salomão Malina negou ontem que Prestes

tinha sido expulso do partido durante o sétimo congresso, em 1982. "Não houve nenhum tipo de medida disciplinar contra o Prestes. O PCB se esforçou para que ele voltasse a exercer atividades no partido, mas ele sempre se recusou. Com o tempo, a situação ficou mais difícil e desistimos de trazê-lo de volta".

Segundo o dirigente comunista, o Congresso de 1982 decidiu não reeleger Prestes membro do Comitê Central devido "ao seu afastamento das atividades partidárias desde 1980, ocorridas devido a divergências políticas internas". Malina, 65, afirmou estar "muito aborrecido" pela morte de Prestes. "Ele era simples, educado e solidário com os outros membros do partido", disse.

Da Sucursal do Rio

O líder comunista Luiz Carlos Prestes, 92, morreu ontem às 2h30. Ele estava internado há seis dias na Beneficência Portuguesa no Rio, com leucemia e septicemia (infecção generalizada). O corpo foi embalsamado e será velado até as 8h de amanhã na Assembléia Legislativa. Quando seguirá em cortejo para o cemitério São João Batista, na zona sul.

Prestes foi filiado ao PCB de 1934 a 1980 e ocupou o cargo de secretário-geral do partido de 1943 a 1980. Em 1924 liderou um movimento contra o governo de Artur Bernardes, chamado Coluna Prestes, que o tornou conhecido nacional e internacionalmente. Foi preso em 1936 durante a repressão a um movimento contra o governo de Getúlio Vargas. Foi libertado em 1945. No mesmo ano se elegeu senador. Foi cassado em 1947, quando passou a viver na clandestinidade. Viveu na URSS de 1931 a 1934 e 1971 a 1979. Casou duas vezes. Com Olga Benário teve uma filha, Anita Leocádia. Teve sete filhos com Maria do Carmo Ribeiro, que já tinha outros dois filhos.

Quando Prestes morreu, estavam no hospital três de seus filhos —Iuri, Anita Leocádia e Mariana. "Ele não teve agonia. Foi apagando lentamente", afir-

**Enterro será amanhã**

Da sucursal e da Redação

O corpo de Luiz Carlos Prestes deixará a Assembléia Legislativa do Rio amanhã, às 8h, e seguirá em carro aberto até o cemitério São João Batista. O corpo, que foi embalsamado, será enterrado num mausoléu doado pela Santa Casa. O enterro está marcado para as 10h e não está prevista cerimônia religiosa. O embalsamento é uma técnica de preservação. Consiste na substituição dos órgãos internos por substâncias aromáticas e anti-sépticas.

mou Iuri Ribeiro Prestes, 25, que chegou anteontem de Moscou (URSS) para ver o pai. Sua mulher, Maria do Carmo, 63, foi chamada em casa. Foi a primeira noite, desde a internação de Prestes, que ela não dormiu no hospital. A família deixou o hospital às 3h30, levando o corpo para ser embalsamado na Santa Casa de Misericórdia, no centro.

Às 12h20, o corpo chegou à

Assembléia, no centro, onde será velado. A família dispensou a extrema-unção e a cruz que seria colocada ao lado do corpo. O caixão foi coberto pelas bandeiras do Brasil, do Partido Comunista, e do PDT.

O prefeito do Rio, Marcello Alencar (PDT), disse que a Prefeitura dará pensão à viúva. Afirmou também que dará o nome de Prestes a um Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) e a uma avenida na zona oeste, ainda não escolhidos. Alencar prometeu ainda erguer um monumento em homenagem à Coluna Prestes. Não disse onde. Prestes apoiou a candidatura de Leonel Brizola (PDT) à Presidência.

O hall da Assembléia, onde o corpo está sendo velado, ficou lotado. Entre os visitantes, muitos traziam "buttons" do Partido Comunista, do PDT ou flâmulas vermelhas com uma pomba branca, distribuídas no saguão. O ator Mário Lago, 78, militante comunista, disse que quando Prestes embarcou para Moscou em 31 ele distribuiu cartas de Prestes justificando sua viagem. As 17h15, Brizola chegou ao velório. "É um momento de luto, mesmo para os que nunca seguiram este homem", disse.

## LEIA MAIS

Sobre Prestes nas págs. A-8 e A-9

**ASSINADOS EM CANANÉIA OS PRIMEIROS CONTRATOS DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO.**

O Governador Orestes Quérzia assinou ontem, em Cananéia, contratos de financiamento previstos no Programa de Desenvolvimento do Estado de São Paulo.

Nesta fase o programa beneficiará 27 diferentes cidades do Interior e deverá gerar cerca de 2.300 empregos diretos, através de 36 empresas.

O Programa de Desenvolvimento do Estado de São Paulo financia investimentos para a descentralização da atividade econômica e para a criação de novas indústrias no Interior, especialmente nas regiões mais pobres, como o Portal do Paranapanema e o Vale do Ribeira, a modernização e relocalização regional das indústrias e o incentivo da tecnologia de ponta voltada ao setor produtivo, visando a redução de disparidades regionais de renda, o respeito às normas ambientais e a desconcentração das atividades industriais do Estado.

O valor dos recursos repassados ontem é de NCz\$ 1,29 bilhões em valores de março/90.

As condições de financiamento variam de acordo com a prioridade conferida pelo Governo do Estado a cada região.

Para as regiões do Vale do Ribeira e Pontal do Paranapanema, prioritárias no Programa, os financiamentos cobrem 90% do valor total dos projetos. As taxas de juros variam de zero (nas regiões prioritárias, onde será cobrada apenas a correção monetária) até 12% ao ano, com prazos de financiamento entre 4 e 12 anos e carência de 1 a 3 anos.

Com o início deste Programa, o Governo de São Paulo visa proporcionar um crescimento equilibrado em todas as regiões do Estado, além de mais empregos, diretos e indiretos, melhorias e desenvolvimento tecnológico no setor produtivo paulista.



## CONDICIONES DE FINANCIAMENTO POR REGIÃO

Região (Vide Mapa)	Juros (a.a.+C.M.)	Proporção Máxima Financiável do Investimento Total		Prazos Máximos
		Máximo Global	Aporte Máximo de Recursos do Projeto (*)	
I - Maior Prioridade	0%	90%	90%	12 anos 3 de carência
II	3,5%	90%	70%	8 anos 2,5 de carência
III	6%	85%	50%	6 anos 2 de carência
IV	9%	80%	30%(**)	5 anos 1,5 de carência
V - Menor Prioridade	12%	80%	20%(**)	4 anos 1 de carência

(\*) A diferença entre máximo global e o aporte máximo de recursos do Programa deverá ser coberta com outras fontes de financiamento (BNDES, por exemplo).

(\*\*) Nessa região o Programa entrará exclusivamente em complementação a outras fontes de financiamento.

**NOVO TEMPO**  
TRABALHO E DESENVOLVIMENTO

# Uma vida feita só de lutas e de coerência

Marcos de Castro

Henrique Ruffato

O advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto, um homem de 96 anos, iluminado pela graça de uma fé que nunca o abandonou, com toda a certeza estará fazendo suas orações, neste momento, pela alma de Luís Carlos Prestes. O quadro, em sua singeleza, resume bem o sentido de uma vida como a de Prestes, que morreu ontem no Rio aos 92 anos, um sentido de coerência honesta que lhe valeu sempre o respeito de amigos e inimigos. Sobral Pinto estava entre os primeiros, os amigos, sem deixar de ser sempre adversário. Um adversário leal, aberto, claro e franco. Como Prestes, também.

O Prestes que agora se foi é talvez a maior figura de lutador político do século, no Brasil. Nascido em Porto Alegre a 3 de janeiro de 1898, menino ainda se mudou para o Rio, onde em 1908 já freqüentava uma escola primária em Botafogo, mas nesse mesmo ano, com a morte do pai, que era capitão da arma de Engenharia (como o filho seria), fez concurso para o Colégio Militar, a fim de pesar menos para a mãe viúva, com cinco filhos (ele era o único homem). Teve de fazer novo concurso no ano seguinte, pois a idade não lhe permitia freqüentar as aulas. Aprovado novamente, dessa vez foi admitido.

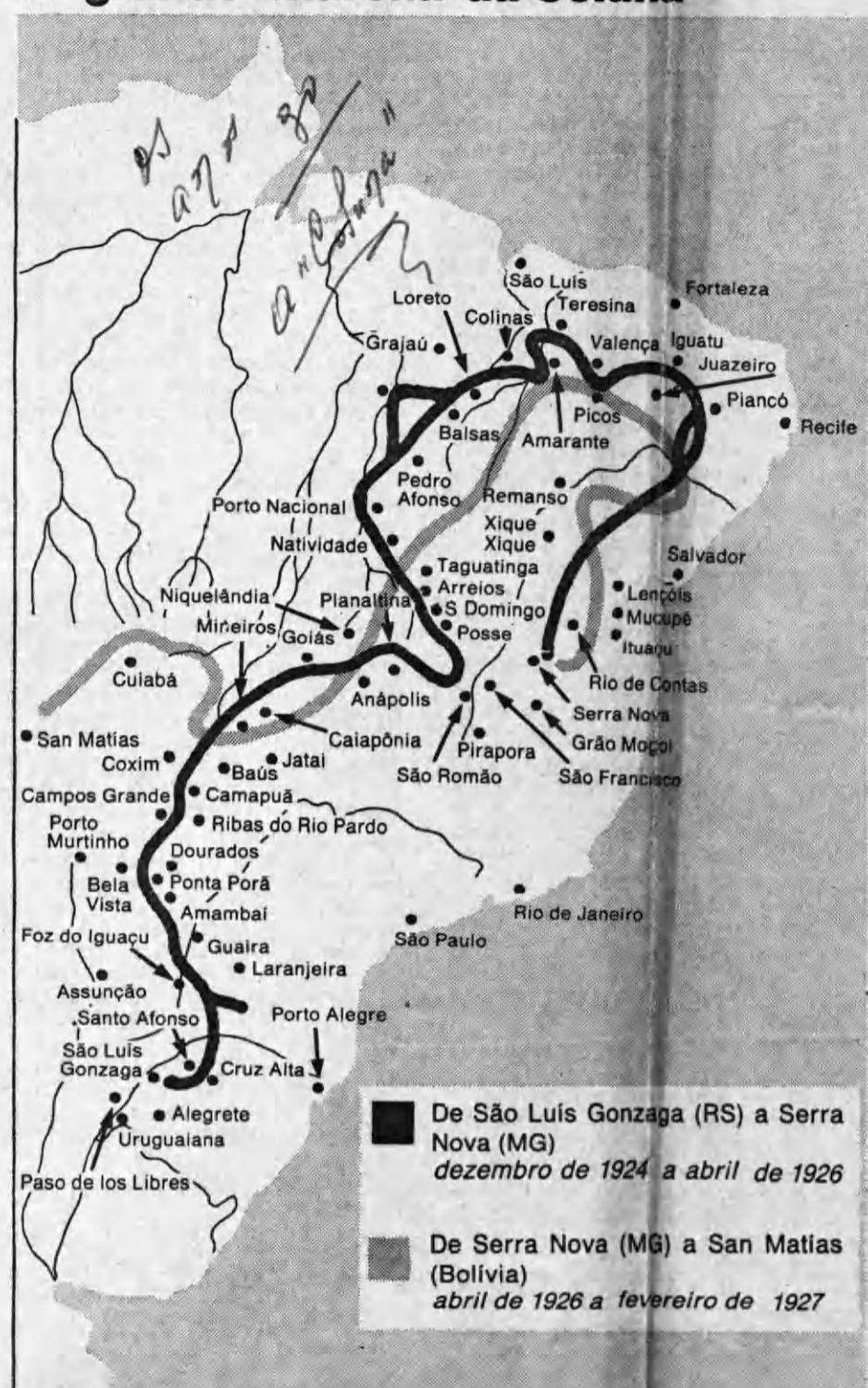
Em 1916, com 18 anos, entrou para a Escola Militar, que formava os oficiais do Exército brasileiro no subúrbio carioca de Realengo, de onde saiu aspirante em dezembro de 1918. Sua vida de revolucionário começou em 1922, quando participou da primeira revolta dos tenentes contra o governo de Artur Bernardes, que formaria, com seu desdobramento de 1924, a raiz da revolução de 30. Em 1922, só não esteve nas areias de Copacabana, com seus colegas de turma Eduardo Gomes, Antônio de Siqueira Campos e outros tenentes, no episódio que ficou conhecido como Os 18 do Forte, porque no dia 5 de julho estava de cama, febril. Participara antes de todas as reuniões preparatórias da revolta. Também em 1924, embora no Rio Grande do Sul e, portanto, distante dos centros onde eclodiu o segundo 5 de julho — que foram São Paulo, Sergipe e Amazonas —, participou longamente de todos os preparativos da revolução a ser deflagrada ainda contra Artur Bernardes.

Nesse episódio entra de corpo inteiro, mais uma vez, a personalidade intransigentemente coerente de Luís Carlos Prestes. Se, como militar, tinha jurado defender a Constituição, resolveu afastar-se do Exército para participar da revolução. Pediu, então, uma licença para tratamento de saúde. Mas foi apanhado de surpresa dia 5 de julho, ainda em Santo Ângelo (RS), onde servia na ocasião. Os focos de Sergipe e do Amazonas foram rapidamente dominados. Mas o foco paulista resistiu e, sob o comando do general reformado Isidoro Dias Lopes e do capitão Joaquim Távora, além do major da força pública (atual Polícia Militar) Miguel Costa, começou a se deslocar, sob forte pressão das tropas federais, depois de dar muito trabalho e abalar São Paulo. As tropas paulistas andaram por Mato Grosso e depois estacionaram na região de Guairá, Paraná. Prestes, em setembro, disposto a mergulhar de corpo inteiro na revolução, passou da licença de saúde para o pedido de demissão do serviço ativo do Exército.

**A Coluna** — Só depois de efetuado esse pedido Prestes deflagrou o levante em Santo Ângelo (RS). Trezentos soldados que Prestes comandava no Batalhão Ferroviário o acompanharam. Foi o núcleo inicial da Coluna Prestes (que alguns historiadores preferem chamar de Coluna Miguel Costa-Prestes). No final de dezembro de 1924, já engrossado por tropas de São Borja, sob o comando do tenente Siqueira Campos, de Alegrate (tenente João Alberto) e Cachoeira do Sul (tenente Fernando Távora), esse núcleo deixou São Luís Gonzaga (RS), totalizando cerca de 2 mil homens em armas, incluindo revolucionários civis, depois de duros combates na região missionária gaúcha. As tropas sob o comando de Prestes se dirigiram então à Foz do Iguaçu para se juntarem às tropas paulistas. Ai é que tem início, efetivamente, o capítulo da História do Brasil conhecido como Coluna Prestes.

E foi ai que Prestes se tornou o Cavaleiro da Esperança, designação romântica que serve bem ao comandante de uma coluna revolucionária, sim, mas sem dúvida aventurosa, que em mais de dois anos, a cavalo ou a pé, percorreu o Brasil todo, de Sul a Norte, de Oeste a Leste. O objetivo principal era manter forças federais ocupadas pelo interior do país, o que enfraquecia o governo Bernardes e, enfraquecendo-o, facilitava as condições de conspiração na capital do país para derrubar o presidente. Objetivo nunca integralmente atingido: Artur Bernardes, a duras penas, mantendo sempre o país sob estado de sitio, levou

## A grande marcha da Coluna



seu governo até o fim. Outro objetivo era a denúncia de injustiças, era conhecer o país, era integrar-se a um Brasil desconhecido para a maioria dos revolucionários, miserável, faminto, sem direitos, um Brasil à margem da história. Esse foi amplamente atingido e, mais que isso, deu à expedição uma aura de heroísmo, a Prestes um ar romântico que ele nunca perseguiu mas a que não escapava nenhuma vida feita só de luta. O destino de Prestes começou a ganhar marca própria na grande jornada da coluna.

O lado heróico dessa vida de combate incessante iria ampliar-se a um ponto não igualado na História do Brasil com o novo sentido que Prestes daria a suas lutas, e a posterior prisão e o sofrimento. Esse novo sentido viria do exílio, para onde Prestes teve de partir em fevereiro de 1927. Esgotara-se o sentido do ciclo da coluna. Mas Prestes não podia simplesmente reintegrar-se à vida brasileira, como outros companheiros. Estava traçado o perfil do comandante revolucionário, dele Prestes já não podia fugir. A coluna entrou na Bolívia, começou o exílio que iria mudar-lhe o perfil do comandante.

**marxismo** — Prestes ficou na cidade de La Gaiba com cerca de 400 revolucionários brasileiros. Em dezembro de 1927 recebeu a visita do escritor Astrojildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil (1922) e então seu secretário-geral. Astrojildo viajava como enviado do partido, cuja Comissão Central Executiva considerava importante uma aproximação com o comandante da Coluna Prestes, dada a repercussão desse movimento por todo o Brasil. Mas disfarçava-se de enviado especial de A Esquerda, levando uma credencial de repórter que lhe dera Pedro Mota Lima, diretor do jornal, exigindo em troca uma entrevista com Prestes, que seria publi-

cada em enorme espaço durante três dias seguidos. Na malha, Astrojildo levou uma dúzia de livros com os quais pretendia iniciar Prestes na ideologia marxista.

Deu certo. Prestes leu Marx, Lênin, Engels, começou a se convencer de que a solução para os problemas do Brasil estava no marxismo. Que só uma radical mudança de estrutura no país poderia acabar com a miséria, que vira sobretrado no interior; invertar uma situação cujos males, de passagem, diagnosticava sobretrado no latifúndio. Na Argentina, onde completou seu exílio, além de aprofundar e renovar suas leituras marxistas, entrou em contato prático com o Partido Comunista Argentino e acabou se tornando grande amigo de um de seus líderes, Rodolfo Ghigliani.

Ó marxismo de Prestes o afastou da Revolução de 30, liderada por todo o grupo de tenentes que com ele se formara no Realengo e se comprometera com a revolução desde 1922 e 24. Mais uma vez é a coerência de Prestes. Por duas vezes ele deixara Buenos Aires, entrara clandestinamente no Brasil para conversar com Getúlio Vargas, então presidente (é como se dizia) do Rio Grande do Sul, para saber se era realmente uma revolução que ele pretendia comandar. Nas conversas, Getúlio nunca lhe pareceu confiável, como Prestes diz claramente no livro *Prestes: lutas e autocríticas*, de Dénis de Moraes e Francisco Viana (Vozes, Petrópolis, 1982). Nem Getúlio, nem seu secretário de Justiça, Osvaldo Aranha, com o qual Prestes também manteve contato clandestino.

Não se trata de um problema de mudança de homens — essa foi a explicação de Luís Carlos Prestes a seus companheiros tenentes em 1930 para não aderir ao movimento que pretendia levar Getúlio ao poder, em vez de dar posse ao vitorioso na eleição de 1º de março, o candidato

Há alguma divergência quanto ao total da distância percorrida pela Coluna Prestes, em seus pouco mais de dois anos de marcha (de 27 de dezembro de 1924 a 3 de fevereiro de 1927) em território brasileiro. O historiador norte-americano Foster Dulles, por exemplo, um especialista em questões brasileiras, diz que foram 22 mil quilômetros. A maioria dos historiadores brasileiros, entretanto, fala em 25 mil quilômetros e o próprio Prestes fala com esses números, o que é sem dúvida um dado importante, pois Prestes era engenheiro militar e um cuidadoso observador das coisas. Nesse percurso, a coluna passou por 13 estados. O grupo comandado por Prestes partiu de São Luís Gonzaga, na região missionária gaúcha, a 27 de dezembro de 1924, para se encontrar com o grupo paulista, de Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa, na região fronteiriça entre o Paraná e o Paraguai, depois de uma jornada tumultuada em Santa Catarina. Do Paraná, unida, a coluna partiu para Mato Grosso (naquele tempo um estado único). O estado seguinte a ser atingido foi Goiás e o sexto estado em que os rebeldes penetraram foi o Maranhão, passando-se logo uma das frentes da Coluna para o Piauí. Pernambuco foi a etapa seguinte e de lá, com uma nova passagem pelo Piauí, mais três estados foram rapidamente percorridos: Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, completando-se aí um total de 11 estados no roteiro. Bahia e Minas Gerais completariam o ciclo. Da cidade mineira de Serra Nova, iniciou-se o que se pode chamar o roteiro da volta, mas então de Mato Grosso, via Coxim e Cuiabá, seguiu-se para a Bolívia, onde Prestes e com ele cerca de 400 ou 500 revolucionários iniciaram o exílio com um primeiro pouso na cidade de San Matias, a 3 de fevereiro de 1927.

oficial Júlio Prestes. Getúlio Vargas representa os interesses de outros setores da mesma oligarquia, não será acapaz de solucionar os problemas básicos do povo, acrescentava.

Como anistia, esperada durante todo o governo Washington Luís, nunca chegou a sair, restou aos integrantes da Coluna Prestes virem voltando clandestinamente ao Brasil, condição impossível para um líder como Prestes, que foi ficando na Argentina e depois passou uma temporada em Montevideu. Mas Prestes estava cansado, as condições de trabalho eram ruins para ele na Argentina e não melhoraram no Uruguai. Nessas condições, ele resolveu aceitar um convite da Internacional Comunista, da qual o PCB era uma seção, e partir para uma temporada em Moscou.

**A volta** — Só voltaria ao Brasil para fazer o que chamava de "a revolução proletária". Iniciou a viagem de volta ao Brasil em dezembro de 1934, recém-casado com a alemã Olga Benário, revolucionária comunista alemã que estava trabalhando na União Soviética. A viagem foi longa, incluindo a Europa e os Estados Unidos. Prestes viajava como o cidadão português Antônio Vilari e nunca se levantou a mais leve suspeita a respeito dessa identidade. O casal desembarcou no Brasil em 1935.

Cometeram-se erros políticos básicos, apesar da experiência internacional do grupo de comunistas que tinha se juntado no Brasil, mas precisamente no Rio de Janeiro, em 1935, com o objetivo de desfilar a revolução proletária. Tudo o que restou foram mortes e prisões, algumas terminando com a loucura que se seguiu às torturas, como no caso do alemão Harry Berger (nome de guerra do alemão Arthur Ernst Ewert). Prestes não esconde esses erros, confessando-os claramente no livro citado: "...o levante foi feito sem prepa-

ração. Resultado: ficou restrito aos quartéis, sem contar com o apoio das massas."

Presos a 5 de abril de 1936 no subúrbio carioca do Méier, depois de uma das maiores caçadas já organizadas pela polícia no Rio, Prestes e Olga teriam sua hora amarga. Olga, depois de quatro meses de prisão, seria entregue pelo governo de Getúlio à Alemanha nazista. Estava grávida de sete meses. A filha do casal, Anita Leocádia, nasceu a 27 de novembro de 1936 numa prisão alemã. Só depois de uma grande campanha internacional desencadeada pela valentia de D. Leocádia, mãe de Prestes, a menina foi entregue à avó, com quem passou a viver, no México. Se Harry Berger enlouqueceu sob tortura, Prestes nunca foi torturado fisicamente, de modo direto. Mas era mantido em situação de tal modo penosa, em cubículo em que não cabia de pé, que sua situação contribuiu para que o advogado Sobral Pinto, embora pensasse principalmente em Harry Berger, invocasse a Lei de Proteção aos Animais em benefício dos presos políticos. Prestes permaneceria preso durante nove anos.

**A coerência** — Sólo, em 1945, em plena redemocratização e com o nazifascismo derrotado na Europa, Prestes surpreende muita gente dando apoio ao movimento Constituinte com Getúlio. Logo Getúlio, que, em última instância, fora o responsável pela entrega de sua mulher grávida para morte nas mãos da Gestapo de Hitler? Logo Getúlio, cuja polícia, comandada por Flávio Müller, cometera toda sorte de crueldade contra os presos políticos, tanto a violência de que Prestes fora a melhor testemunha? Mais num hora dessas é que o político — o *homus politicus* — se revela por inteiro. Para Prestes, apoiar a campanha Constituinte com Getúlio era apenas uma questão de coerência, que ele mesmo explica com simplicidade: caminhava-se para a democracia com ou sem Getúlio. O caminho, com Getúlio no poder, seria mais rápido, mais simples.

Nas eleições de 1945, entretanto, o Partido Comunista do Brasil (que tinha Prestes, mesmo preso, como seu secretário-geral desde 1943, escolhido por seus companheiros numa assembleia realizada perto de Itatiaia) resolve lançar candidato próprio, não vai com Getúlio, que apoiara Eurico Dutra, seu ex-ministro da Guerra. O PCB lança o engenheiro Iedro Fiúza, ex-prefeito de Petrópolis, que não era dos quadros do partido. Teve poucos menos de 10% dos votos válidos do país, que foram cerca de 6 milhões. Mas Prestes, mostrando todo seu prestígio, foi eleito senador pelo Distrito Federal, que então era o Rio de Janeiro, e deputado também pelo Distrito Federal e mais pelo Rio Grande do Sul e por Pernambuco. Optou pela cadeira de senador, pois tinha sido o mais votado da República, com 157 mil votos, quase um terço dos eleitores cariocas. Assumiu como Constituinte em 31 de janeiro de 1946, enquanto Dutra governava por decretos-leis. Assinou a Constituição brasileira de 18 de setembro de 1946, mas em maio de 1947 teve seu mandato cassado, com o novo cancelamento do registro do Partido Comunista.

**Último exílio** — Perseguido, Prestes voltou à clandestinidade em agosto desse ano. Com prisão preventiva decretada em 1950, teve de manter-se clandestino até 1958, quando a prisão preventiva foi revogada. Nesse ano é que há a cisão do partido, com a mudança do nome para Partido Comunista Brasileiro e a expulsão dos dirigentes João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar, que fundariam em 1962 o Partido Comunista do Brasil, reassumindo o nome antigo e dizendo-se os verdadeiros continuadores do partido fundado em 1922. Prestes, nessa época, pôde manter vida regular até o golpe de 64. A nova ditadura o empurrou de novo para a clandestinidade. Foi a fuga permanente do cerco que pretendia levá-lo novamente à prisão, até 1971; quando o partido decidiu mandá-lo para o exílio na União Soviética, de onde Prestes só voltaria com a nova anistia, em 1979. Os jornais da época dizem que cerca de 10 mil pessoas o esperaram no Galeão. Foi uma grande festa popular, certamente não só dos comunistas: é que Prestes, àquela altura com 81 anos, já era uma espécie de mito popular no Brasil, uma de suas únicas lendas vivas.

Dai em diante são os desentendimentos dentro do partido, cujos dirigentes acusou de traição da classe operária, na sua *Carta aos Comunistas*, de março de 1980. A carta lhe custa o cargo de secretário-geral do PCB e mais tarde o próprio afastamento do partido. De então para cá, Prestes sempre deu apoio a Leonel Brizola em todas as campanhas político-eletorais. Mas se os dirigentes puderam afastá-lo do partido, não puderam, claro, impedir que ele continuasse, até morrer, o único grande líder comunista de prestígio popular no Brasil. O único que viveu sempre como Cavaleiro da Esperança.



# Atuação política

Marcelo Auler

O cenário era altamente propício: um camarote luxuoso do navio *Ville de Paris*, em março de 1935; vésperas de atracar em Nôva Iorque. As circunstâncias até exigiam. Os dois revolucionários comunistas, para passarem desapercebidos pelas chamadas "forças da repressão capitalista", viviam uma *luta-de-mel* montada pela Internacional Comunista. E o que era ficção acabou tornando-se realidade. Luis Carlos Prestes, que aos 37 anos vivia toda sorte de experiência política, sem nunca ter reservado tempo para o lado afetivo — "ela nunca tinha estado com uma mulher", descreve o livro *Olga*, de Fernando Morais — tornou-se naquela viagem marido de Olga Benário, militante encarregada de lhe dar segurança na viagem de volta ao Brasil.

O episódio demonstra o quanto a vida revolucionária abraçada por Prestes afetou a sua vida afetiva. Sua primeira filha, Anita Leocádia, do casamento com Olga, nasceu em 1936, em um campo de concentração nazista — depois de a mãe ter sido deportada pela polícia do Estado Novo. A menina que a avó, Leocádia, a duras penas, conseguiu recuperar das mãos da polícia nazista, em 1938, foi levada para o México e só conheceu o pai sete anos depois, em 1945, quando ele saiu da prisão, anistiado.

Prestes morreu deixando 10 filhos, dois deles adotivos. Mas a última vez, em vida, que conseguiu reunir todos foi em 1971, ao desembarcar em Moscou para mais um exílio, depois de sete anos na clandestinidade no Brasil. Ganhou 19 netos: só três são brasileiros e oito até hoje vivem no exterior — sels na União Soviética e dois em Cuba. Jamais juntou-os em uma mesma sala de jantar.

A vida pessoal sempre subordinada às atividades políticas fez com que o segundo casamento ocorresse na clandestinidade. "Era dia de Santa Bárbara" lembrava ontem a também militante comunista, Maria Ribeiro, do dia 4 de dezembro de 1953, quando o todo poderoso secretário geral do Partido Comunista do Brasil a convidou para "ser sua companheira". Ela, filha de militante e, como o pai, encarregada de cuidar do *aparelho* (local usado para as reuniões clandestinas), tinha então 20 anos — ela estava com 52 — e dois filhos de um outro relacionamento: Pedro, com 2 anos, e Paulo, com 1. Clandestino, Prestes tinha o

codinome Pedro, maneira pela qual Maria tratou o marido até a morte.

Os dois filhos de Maria, enquanto Prestes se manteve na clandestinidade, foram levados para os cuidados de Clotilde Prestes, irmã mais velha do *Cavalheiro da Esperança*. Para todos os efeitos, as duas crianças eram filhas de um "integrante do comitê central". Em 1954, nasce João, o primeiro filho do casal, que Prestes, na época, imaginava "não alcançar vê-lo educado um dia". A dúvida não se confirmou: nos anos 70, João formou-se engenheiro, na presença do pai.

A família Prestes só foi saber da existência da nova cunhada depois que Luis Carlos, absolvido do processo que respondia em 1958, podia circular livremente no país. Até tornar público, em 1959, seus cinco novos filhos — Pedro, Paulo, João, Rosa e Ermelinda, esses três últimos já do casamento com Maria — Prestes os via ocasionalmente em visitas que fazia à casa em Jacarepaguá.

O fim do mistério permitiu juntar a família toda — com exceção de Anita — na Rua 19 de Fevereiro, em Botafogo. Mas as perseguições políticas, que o partido creditava à polícia de Carlos Lacerda, fez com que todos fossem para São Paulo, onde moraram no número 153 da Rua Nicola de Souza Queirós, na Vila Mariana. Os compromissos políticos de Prestes, porém, faziam com que ele acabasse dedicando pouco tempo aos filhos — em 60 nasceu Luis Carlos e, em 62, Mariana. "O afeto do Velho conosco era diferente, mas sempre existiu", conta Paulo Roberto.

Mesmo na clandestinidade, após o golpe de 64, Prestes continuava vendo a família. Sua mulher e seus filhos eram levados aos esconderijos que se revesavam entre São Paulo, Rio e Sul de Minas — em complicadas operações promovidas pela segurança do partido: "Nunca usávamos menos do que três carros e sempre passávamos por no mínimo duas casas", afirmam Paulo e João. Aliás, quando Prestes voltou à clandestinidade, Maria estava grávida de Zóia e dois anos depois ainda viria a ter Iuri, o filho mais novo.

O encontro, em Moscou, em 71, não durou muito. Paulo logo voltou para o Brasil; Pedro foi para Cuba; João mudou-se da capital soviética para o interior da Rússia. A falta de tarefas fez de Prestes um homem nervoso na União Soviética. As más notícias do Brasil — quedas e mortes de companheiros — o deixaram com estranhas alegrias: "De três em três meses, era internado" conta Paulo.

## Filho descobriu ação de alemães

Jorgemar Félix

Há um ano e meio, quando começou a pesquisar a vida de Luis Carlos Prestes, seu filho caçula, o historiador Iuri Ribeiro Prestes, 25 anos, fez uma descoberta que surpreendeu seu próprio pai: durante a Intentona Comunista de 1935, um grupo de alemães esteve secretamente no Brasil, em janeiro, para apoiar o movimento insurrecional. Com um esquema de segurança perfeito, os alemães saíram do Brasil sem nenhum problema ao considerarem que a revolta ocorreria. Prestes, um dos principais líderes da Intentona, soube do fato pouco antes de morrer.

Desde os 6 anos de idade morando em Moscou, Iuri — que se considera mais soviético do que brasileiro — passa boa parte do seu tempo debruçado sobre o precioso arquivo de fitas, correspondências e documentos deixados por seu pai no apartamento da Rua Górkii, onde morou com a família, de 1971 a 1979, período de exílio em Moscou. No livro de registro de moradores do imóvel — um costume moscovita — o nome do morador Pedro Fernandes, codinome de Prestes, aparece riscado. "Tudo por causa da segurança que o envolvia" explica Iuri.

Enquanto integrava o PCB, Prestes estava nas graças do PCUS. "Apesar de ter tido contato pessoal somente com um dos líderes soviéticos, Nikita Krushov, ele era considerado um membro importante", conta Iuri. Por ironia do destino, Krushov foi o responsável pela desestalinização do partido e Prestes era stalinista. Justamente por pregar as idéias de Josef Stálin, Prestes deixa o PCB em 1980. Por isso, suas biografias na URSS limitam-se ao ano de 1979.

A doença de Prestes foi uma surpresa para Iuri, que estava no Rio a trabalho — esta é a sua terceira visita ao Brasil. Formado em História

da União Soviética, Iuri estuda custeado por um admirador de Prestes. Casado com uma moscovita, ele tem dois filhos. A outra historiadora da família, Anita Leocádia, 53 anos, defendeu no ano passado tese sobre a Coluna Prestes, na Universidade Federal Fluminense. Justamente Anita, filha do primeiro casamento de Prestes, com a líder comunista alemã Olga Benário, é pivô de uma divergência na família. Os filhos de Maria do Carmo Ribeiro, 60 anos, segunda mulher de Prestes, não se entrosam com Anita. Prestes sofria muito com a briga, mas ficava calado.

Uma das irmãs do líder comunista, Ligia, 76 anos, chegou a afirmar, após a morte de Prestes, que não considera mais os filhos de Maria do Carmo como parentes. No segundo casamento, Prestes teve sete filhos. João, 35 anos, casado, três filhos, mora em Moscou e trabalha como representante de empresas brasileiras que comercializam com a URSS. João chegou na sexta-feira ao Brasil, a trabalho sem saber do estado de saúde do pai. Rosa, 34 anos, casada, quatro filhos, é química e mora no Rio. Ermelinda, 33 anos, casada, dois filhos, é formada em Pedagogia pelo Instituto de Moscou, vive em Goiás.

O cineasta Luis Carlos, 30 anos, casado, dois filhos, formou-se em Moscou, lecionou na PUC-RJ e na UFF. Hoje dá aula na Faculdade da Cidade. Seu primeiro longa metragem, feito em 88, chama-se *Cidades-irmãs: Rio-Leningrado*. Mariana, 28 anos, é médica obstetra, também formada em Moscou. Casada, dois filhos, ela mora em Cotia, interior de São Paulo. Zóia, 26 anos, casada, pedagoga, mora em Volta Redonda. Os dois filhos de Maria do Carmo, adotados por Prestes, são jornalistas. Pedro, 40 anos, mora em Cuba, onde trabalha numa rádio. Paulo, 36 anos, mora em São Paulo, tem um filho. Nenhum dos filhos de Prestes é militante do PCB.



1945. Saindo da prisão, já como secretário-geral



1945. Com Getúlio Vargas quando o PCB era legal



1958. Rio de Janeiro. Prestando depoimento à Justiça

# atrapalhava vida pessoal

## Galeria de gestos inábeis

Sergio Sá Leitão

**L**uis Carlos Prestes não conseguiu explicar satisfatoriamente as razões que o levaram a chefiar, em 1935, a chamada Intentona Comunista, malograda tentativa de golpe militar contra o governo de Getúlio Vargas. Nem foi capaz de reconhecer seus erros posteriores. Não que o líder comunista tenha sido poupadão do assunto. Mas ele sempre procurou sair pela tangente. O episódio da Intentona revela uma face de Prestes que seus adeptos não gostam de reconhecer: o "secretário-geral", como carinhosamente o apelidaram amigos chegados, foi responsável direto por uma série de equívocos e gestos inábeis.

Obras de *Coluna*, na verdade, é o mesmo

homem que se chocou com a história ao associar duas vezes, nos anos 70, o MDB ao PCB.

Os dias que antecederam ao golpe de 1964, por outro lado, conhecera duas expressões extremamente infelizes de Prestes.

Em um programa de televisão, ele disse que

"os comunistas estão no governo, só não estamos no poder". Em outra ocasião, que decepcionou a cabeça do dragão da direita, se este atacasse Jango. O golpe de 64 foi vitorioso, contou com o apoio da população e Prestes ficou, mais uma vez, a ver navios.

Outra de suas declarações críticas, esta

responsável por deixar a direita erizada e a esquerda com o rabo nas pernas, foi proferida

durante o inicio da "abertura", lenta, gradual e segura". Em Paris, Prestes afirmou, referindo-se à vitória do MDB nas eleições legislativas de 1974, que "o feito da oposição foi possível porque o PCB dirigiu-se ao povo recomendando o voto no partido". A resposta foi imediata: o deputado federal Thales Rama, secretário do MDB, observou que "as declarações de Luiz Carlos Prestes não passaram de mania de grandeza, pois o PC sempre foi uma infima minoria". Nas eleições de 1978, Prestes repetiu o gesto. Novos lances ousados foram ar am em 83, quando considerou as Diretas Já "desnecessárias" e reiterou seu apoio à invasão russa no Afeganistão. Havia pouco encerrada por Gorbachev. A inabilidade do líder, no fundo, sempre foi proporcional a seu prestígio.

## A difícil convivência no PCB

Florêncio Costa

O ex-dirigente do PCB, Hércules Corrêa, 60 anos, que hoje é vice-presidente da CTC (Companhia de Transportes Coletivos) e está filiado ao PMDB, conviveu 19 anos com Prestes, de 1960 a 1979. Estiveram juntos na União Soviética durante três anos e meio. Prestes morava num apartamento na Rua Górkii. "Ele viveu como um cidadão comum, íamos ao supermercado, ao teatro", contou. Hércules guardou a lembrança de uma discussão política que tiveram em janeiro de 1977, nas ruas de Moscou.

"Prestes ficou muito assustado com o que eu disse durante a discussão. Conversávamos sobre o Brasil. Prestes dizia que os grandes momentos históricos sempre acertava. Eu discordei. Ele me olhou e disse: 'Dé exemplos'", recordou Hércules. "Quando você cheiou a coluna, a luta de massas se dava nas grandes cidades e você estava no interior", respondeu Hércules. "Cite mais um", pediu Prestes. "Em 35 você confiou no apoio da Armada e dei ordem para o levante", completou Hércules.

"Cite mais um exemplo recente", pediu Prestes. "O mais recente foi em 64, quando você disse que se os inimigos levantasse a cabeça nós iríamos cortá-la. Tanto isso não aconteceu que estamos aqui, isolados, em Moscou", retrucou Hércules. Conta o atual vice-presidente da CTC que Prestes, com expressão assustada, apenas comentou: "É, temos que pensar nisso".

Hércules disse que ainda em 1977 propôs a Prestes que determinasse o retorno de alguns dirigentes do PCB no exílio. Argumentou que o partido estava sem comando no Brasil. "Nisso ele foi intransigente e não concordou. O argumento dele era de que a ditadura iria durar mais uns dez anos e que deveríamos organizar outro partido, paralelo ao que existia, deixando de lado todos os que estavam mapeados pela polícia" relatou.

Segundo Hércules, Prestes "sempre agiu com mão de ferro" na direção do PCB. "Prestes tinha

são de Internacional a uma crença dogmática na fidelidade dos relatórios que a direção do PCB enviava regularmente para Moscou. Enquanto o serviço secreto do Exército controlava cada passo do PCB, seus dirigentes qualificavam a situação nacional como "pré-revolucionária" e coordenavam a articulação do golpe "militar-popular". Os relatórios, como se sabe, estavam absolutamente equivocados. E a derrota foi fáci-

l. Os erros, no entanto, não terminaram neste episódio. Em 1946, por exemplo, o PCB experimentou um período fértil, no qual o inábil Prestes foi eleito para o senado federal. O "secretário-geral" declarou, então, que em uma guerra entre o Brasil e a União Soviética seu partido apoiaria o estado socialista. A frase foi um dos pretextos usados para a cassação, no ano seguinte, do registro legal do PCB. Os dias que antecederam ao golpe de 1964, por outro lado, conhecera duas expressões extremamente infelizes de Prestes.

Em um programa de televisão, ele disse que

"os comunistas estão no governo, só não estamos no poder". Em outra ocasião, que decepcionou a cabeça do dragão da direita, se este atacasse Jango. O golpe de 64 foi vitorioso, contou com o apoio da população e Prestes ficou, mais uma vez, a ver navios.

Outra de suas declarações críticas, esta

responsável por deixar a direita erizada e a esquerda com o rabo nas pernas, foi proferida

durante o inicio da "abertura", lenta, gradual e segura". Em Paris, Prestes afirmou, referindo-se à vitória do MDB nas eleições legislativas de 1974, que "o feito da oposição foi possível porque o PCB dirigiu-se ao povo recomendando o voto no partido". A resposta foi imediata: o deputado federal Thales Rama, secretário do MDB, observou que "as declarações de Luiz Carlos Prestes não passaram de mania de grandeza, pois o PC sempre foi uma infima minoria". Nas eleições de 1978, Prestes repetiu o gesto.

Novos lances ousados foram ar am em 83, quando considerou as Diretas Já "desnecessárias" e reiterou seu apoio à invasão russa no Afeganistão.

Havia pouco encerrada por Gorbachev.

A inabilidade do líder, no fundo, sempre foi proporcional a seu prestígio.

**Segurança** — Destinado e temoso. São

duas das características mais lembradas por seus ex-companheiros de partido. "Ele sempre deu trabalho ao pessoal da segurança. Só a uma pessoa Prestes obedecia na questão da segurança", disse Hércules Corrêa. Era o irmão do jornalista Arménio Guedes, um dentista que servia de motorista-segurança de Prestes. "Esse sujeito dizia assim para o Prestes: 'Aqui no carro mando eu'. E não deixava ele sair do automóvel sem que tivesse plena segurança", contou.

Hércules recordou o aperto que Prestes passou

sou, por não seguir as normas de segurança.

Quando, em 1971, o PCB decidiu que Prestes deveria deixar o Brasil, a determinação era de

que o então secretário-geral deveria seguir para Buenos Aires e lá tomar um avião direto para a Europa. "A direção comprou carros novos para levá-lo à Argentina", lembrou Hércules. No entanto, contrariando as instruções, Prestes tomou um avião que sobrevoo o Rio de Janeiro.

Hércules recordou o aperto que Prestes passou

sou, por não seguir as normas de segurança.

Quando, em 1971, o PCB decidiu que Prestes

deveria deixar o Brasil, a determinação era de

que o então secretário-geral deveria seguir para

Buenos Aires e lá tomar um avião direto para a

Europa. "A direção comprou carros novos para

levá-lo à Argentina", lembrou Hércules. No

entanto, contrariando as instruções, Prestes to-

mou um avião que sobrevoo o Rio de Janeiro.

Hércules recordou o aperto que Prestes passou

sou, por não seguir as normas de segurança.

Quando, em 1971, o PCB decidiu que Prestes

deveria deixar o Brasil, a determinação era de

que o então secretário-geral deveria seguir para

Buenos Aires e lá tomar um avião direto para a

Europa. "A direção comprou carros novos para